Diário de Lisboa

CÉU ENCOBERTO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 27 DE ABRIL DE 1974 N.º 18441 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

Consolidada a vitória do Movimento Militar

O presidente da Junta de Salvação Nacional, general António de Spínola, quando deixava o Departamento da Defesa, na Cova da Moura, rumo à sua residência. A Junta domina a situação em todo o País, contando com o apoio unânime da população, que não perde a mínima oportunidade de vitoriar as Forças Armadas e de exprimir a sua carinhosa gratidão ao general Spínola

170 PIDES NAS CELAS DE CAXIAS

-cerca de 200 fugiram por um subterrâneo

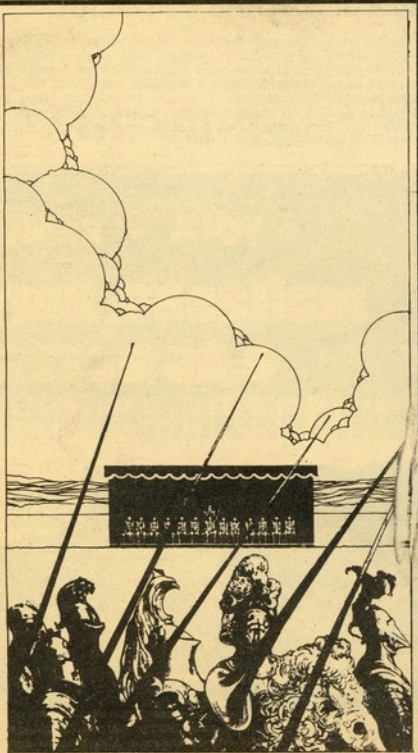
A população lisboeta iniciou uma verdadeira caça ao «pide». Com efeito, tem-se verificado que são inúmeros os casos de provocação praticados e que só podem ser atribuídos aos agentes daquela polícia política que conseguiram escapar e que acompanham os movimentos das colunas das Forças Armadas, como informa um comunicado da Junta de Salvação Nacional que publicamos noutro local.

Os 180 agentes presos ontem nas instalações da Rua António Maria Cardoso seguiram esta madrugada, cerca das 0 e 45, para a prisão de Caxias, ficando internados na prisão-hospital. Às 0 e 15 começaram a ser metidos nas camionetas das Forças Armadas e fazendo todos os possíveis para esconderem a cara. Diz-se aliás, que tinham pedido para serem transportados com capuzes pretos na cabeça. As camionetas desceram a Calçada de S. Francisco e dirigiram-se para o Cais do Sodré, após o que seguiram pela marginal acompanhados por uma numerosa comitiva de automóveis particulares. Os representantes dos órgãos da

Continua na pág. 28

Hoje 40 páginas

Posters de Abel Manta Cortados pela Censura

«Terreiro do Paço» é um dos «posters» de Abel Manta cortados pela Censura em 1969, no «Diário de Lisboa». O poster é hoje reproduzido pelo «Sempre Fixe» que inclui quatro páginas de «posters» do mesmo autor igualmente cortados pela Censura

Máscaras de medo, de terror caracterizavam os Pides ao darem entrada nos camiões que os conduziram da Rua António Maria Cardoso para a prisão de Caxias — medo e terror que durante longos anos se comprazeram em espalhar no povo indefeso e no que estoicamente lutavam para restituir a Portugal a justa liberdade

DL/NACIONAL

DESTITUÍDO O GOVERNADOR DA GUINÉ

O general Bettencourt Rodrigues e outros oficiais não apoiam o movimento das Forças Armadas

BISSAU, 26 — Realizou-se esta tarde no salão nobre do Palácio do Governo da Guiné, tenente-coronel Mateus da Silva.

Assistiram o comandante-chefe interino, comodoro Almeida Brandão, e grande número de oficiais superiores e subalternos dos três ramos das Forças Armadas, bem como os chefes nos diversos serviços civis e muito povo, nomeadamente naturais da província.

A comunicação do tenente-coronel eng. Mateus da Silva foi interrompida diversas vezes pelas vibrantes aclamações da assistência.

«Após a exoneração do governador que representava o regime que no País acaba de ser deposto pelos camaradas de Terra, Mar e Ar, em acção de alto sentido patriótico e cívico, entendeu o Movimento das Forças Armadas da Guiné, nomear-me para as funções de encarregado do Governo, funções em que acabo de ser reconhecido pela Junta de Salvação Nacional» — afirmou o novo encarregado do Governo, o qual prosseguiu:

«Como patriota e militar não podia, pois, recusar-me a prestar ao nosso país e ao meu povo mais este serviço, educado como fui no princípio de servir a Pátria em todas as circunstâncias que o interesse colectivo determine. Quero pois que as minhas primeiras palavras sejam para o bom povo da Guiné, no desejo de que os principais fundamentais definidos pela Junta de Salvação Nacional lhe tragam em breve uma nova era de paz, de progresso e de justiça social.

«Saúdo todos os camaradas que em mim depositaram a sua confiança, certo de que a usarei no respeito absoluto pelos princípios do Movimento. A todos os cidadãos aqui presentes o meu obrigado pelo significado de uma presença que me dará redobrado ânimo de levar a bom cabo as funções de que fui agora investido».

No fim da alocução, o tenente-coronel, eng. Mateus da Silva ouviu a multidão gritar em uníssono vivas ao general António de Spínola e à Junta de Salvação Nacional.

O encarregamento do Governo e o comandante-chefe interino assumiram estes cargos depois de o Movimento das Forças Armadas haver exigido, hoje de manhã, a demissão do antigo governador e comandante-chefe, general Bettencourt Rodrigues.

Com tropas do batalhão de Caçadores Pára-Quedistas dispostas nas imediações do Quartel General do Comando-Chefe e Forças da Polícia Militar a manterem atenta vigilância no interior, uma delegação do Movimento dirigiu-se ao general Bettencourt Rodrigues e exigiu-lhe a sua demissão, ao que ele anuiu imediatamente.

Pouco depois, era transmitida pela rádio a comunicação de que o Movimento das Forças Armadas da Guiné, em solidariedade com a Junta de Salvação Nacional constituída na Metrópole, impuseram a demissão do general Bettencourt Rodrigues e designara encarregado do Governo o tenente-coronel eng. António Eduardo Domingos Mateus da Silva.

Esta tarde o governador e comandante-chefe cessante seguiu em avião militar para Cabo Verde, acompanhado pelo brigadeiro Leitão Marques e pelos coroneis Hugo da Silva e Vaz Antunes, os quais se solidarizaram com ele e negaram o seu apoio ao Movimento militar.

SUBSTITUÍDO O GOVERNADOR-GERAL DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 26 (ANI) — O secretário-geral da província, coronel David Teixeira Ferreira, assumiu hoje o encargo do Governo-Geral de Moçambique, conforme instruções dadas em Lisboa pela Junta de Salvação Nacional.

O coronel Teixeira Ferreira substituiu o antigo governador-geral Pimentel dos Santos.

Comunicado das Forças Armadas em Angola

LUANDA, 27 — (L.) — O comando-chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu aos órgãos de Informação deste Estado o seguinte comunicado:

«No comando-chefe não foi recebida, durante o dia 25 do corrente, nem no de hoje, até às 16 horas, qualquer comunicado oficial sobre os acontecimentos na Metrópole e que por via dos órgãos de Informação Pública, tem vindo a ser difundidos através de noticiário apropriado as circunstâncias e ao progressivo desenvolvimento dos factos ocorridos.

As Forças Armadas que prestam serviço em Angola têm, como é natural, uma missão a cumprir no teatro de operações onde actuam.

O comandante-chefe interino, como é seu dever, continuará com as forças sob o cooando e portanto alicerçado esforço de cada um dos respectivos componentes, a assegurar o melhor desempenho da missão a todos romum, dentro dos princípios militares, e, por consequência, de acordo com as directivas dos órgãos hierarquicamente superiores».

O comunicado tem a data de ontem, 26, e assinado pelo comandante-chefe interino, general Francisco Rafael Alves.

O secretário-geral de Angola assume hoje a encarregatura do Governo-Geral

LUANDA, 27 (L.) — A Emissora Oficial de Angola difundiu esta madrugada às 0 horas e 15 minutos o seguinte comunicado enviado pelo eng. Fernando Augusto dos Santos e Castro: «Às 23 horas e 30 minutos do dia 26 do corrente foi-me entregue uma mensagem da Junta de Salvação Nacional que me demite das funções de governador-geral de Angola. Amanhã, sábado, às 12 horas entregarei o Governo-Geral de Angola ao encarregado do Governo, que me foi indicado, o excelentíssimo secretário-geral.»

O actual secretário-geral que ao meio dia assumirá a encarregatura do Governo-Geral de Angola, é o senhor tenente-coronel António Osório Soares Carneiro, que vem desempenhando aquelas funções desde que o eng. Santos e Castro passou a dirigir os destinos de Angola, em Novembro de 1972. Nessa altura, tinha ainda a patente de major e governava o distrito da Lunda, no Nordeste de Angola.

A situação em S. Tomé e Príncipe

S. TOMÉ, 27 (L.) — O emissor regional informou que, logo pela manhã, o comando territorial independente de S. Tomé e Príncipe distribuiu uma comunicação dando conta do telegrama enviado pelas Forças Armadas da pronvícia à Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spíinola, do seguinte teor:

«Tomado conhecimento proclamação Junta Salvação Nacional, Forças Armadas S. Tomé e Príncipe garentem total apoio objectivos política nacionais anunciados. Mais, asseguram perfeita calma e tranquilidade e controlo situação loca».

O mesmo emissor salientou, ainda, que a população da província recebeu com a maior calma as notícias.

DEPOIMENTO DE UM JORNALISTA DO "DIÁRIO DE LISBOA" HOJE LIBERTADO EM CAXIAS

Escrevo sob a maior emoção e nem sei como começar. As últimas horas foram, para mim, simultaneamente as mais angustiosas e as mais inesperadas de sempre. Vivi-as minuto a minuto, segundo a segundo, apaixonadamente, não só porque era eu próprio que me sentia pessoalmente envolvido nos acontecimentos, mas também porque cedo me apercebi que também o futuro próximo do País estava em jogo. De tal modo que não resisti à tentação de escrvinhar rapidamente este testemunho pessoal — cujo alcance, reconheço, só provavelmente os que se encontravam em situação idêntica à minha poderão compreender em todo o seu significado.

Para mim, prisioneiro em Caxias, tudo começou realmente sexta-feira de manhã, quando no terraço da cadeia por debaixo da minha janela vi irromper os meus camaradas da Imprensa que, em serviço, vinham ali acompanhar os militares revoltosos. Foi nesse momento, com as trocas de saudações, os acenos, os gritos, que eu tive a certeza de que algo de muito importante se passava. Mas os primeiros indícios — vagos e contraditórios — já vinha da véspera.

Com efeito, ao fim da tarde de quinta-feira, o reduzido movimento de automóveis na rodovia que liga a marginal à auto-estrada intrigava-me. No isolamento da minha cela, onde sempre permaneci, excepto nas horas de interrogatório — quantas? — a que, até ao momento, tinha sido sujeito, um dos meus passatempos era colocar-me à janela. O que distinguia através das grades era a única possibilidade de contacto, ainda que à distância, com o mundo exterior. E tornei-me sensível às suas modificações.

Na mesma tarde, os guardas da G.N.R. que, no morro que separa o edifício prisional da rua, estão de sentinela, foram reforçados e surgiram capacetes de combate. E recordei então que, horas antes — facto a que na altura não ligara grande importância — avistara, lá ao fundo, no rio, alguns vasos de guerra a descerem o Tejo. Pela mesma altura, alguns carros tinham parado nos terrenos do parque de estacionamento do Estádio Nacional, as businas soaram insistentemente e pessoas acenaram com os braços. Que se passaria?

Fernando Correia (de óculos) entre um grupo de presos libertados em Caxias. O primeiro à esquerda é Hermínio da Palma Inácio

Depois, à noite, uma voz de um preso vinda de outra janela, fora da zona de isolamento, gritava que, segundo parecia, um golpe militar havia derrubado o Governo. Era, finalmente, a confirmação de que os elementos que eu acumulara tinham algum sentido.

Nas horas seguintes, porém, a expectativa transformou-se em angústia. Quem tomara conta da situação? Que militares tinham dado o golpe? Tratava-se de um abrandamento do regime ou mesmo da sua abolição ou, pelo contrário, do seu endurecimento? Não sabia que pensar. Deitei-me e tentei dormir, mas os meus pensamentos em reboliço apenas intermitentemente mo permitiram. Os momentos mais dramáticos foram aqueles em que admiti que o regime (teria sido efectivamente derrubado?), ou as autoridades prisionais, ou esta ou aquela figura isolada, em acto de desespero, exercessem represálias sobre os presos. Recordei que no passado acontecimentos desses ocorreram, em circunstâncias semelhantes. Tive momentos de desespero. Receei o pior.

E não encontrei motivos para acalmar quando, de manhã, no meu posto de observação verifiquei que «boinas verdes» do Exército montavam guarda em volta da prisão, sem que, no entanto, os homens da G.N.R.abandonassemo local. Quereria isso dizer que, em vez de uma substituição de comandos — e isto a todos os níveis da hierarquia do País — se verificava antes um reforço dos existentes? O golpe fracassara? Ou ele saíra vitorioso, mas o seu objectivo era precisamente tornar o regime ainda mais duro? E, fosse como fosse, que justificação haveria para tais movimentos de tropas numa cadeia de presos políticos? Que se estaria a preparar? Travar-se-ia luta nas ruas? Qual o nosso futuro, o dos detidos?

Interrogações como estas atropelavam-se no meu espírito, sem que para nenhuma delas fosse possível encontrar resposta. Tanto mais que o estado geral de fraqueza física e psíquica diminuía o discernimento, afectado ainda pelo isolamento rigoroso a que estava sujeito.

Até que, em poucos minutos, tudo se esclareceu. O aparecimento dos meus camaradas da Informação, os seus sinais e gritos de encorajamento, indicaram claramente — a mim e aos outros presos daquele lado do edifício — que não havia razões imadiatas para apreensões, e que o momento era de alegria. Pelo menos para já, e na perspectiva de quem na prisão sonha com a liberdade.

Não posso esquecer o modo simpático e encorajador como todos os elementos das Forças Armadas — pára-quedistas e fuzileiros navais, que eu visse — destacados para a operação-Caxias se comportavam para com os presos. Sem deixar de aconselhar calma e moderação aos mais entusiastas, mostraram a todo o momento que, mais do que uma ordem, estavam ali a cumprir um imperativo de consciência, restituindo à liberdade os que a polícia do Governo encarcerara.

Os momentos que, pouco depois, se seguiram à nossa saída das celas, com os longos abraços, os gritos esfusiantes de contentamento, as lágrimas de emoção incontidas, foram inesquecíveis. À expectativa e à angústia tinha-se seguido a louca alegria de quem, com um futuro à frente devido aos seus ideiais políticos, via, de repente, rasgar-se-lhe à frente um novo horizonte.

FERNANDO CORREIA

Destituido o comandante-interino da Região de Évora

Evora está com o Movimento das Forças Armadas. oO povo aclama as tropas — e as tropas, esta manhã, ocuparam a delegação da PIDE/DGS, cujos elementos se renderam imediatamente.

Também a Legião Portuguesa foi ocupada.

Entretanto, ontem , surgiu «um problema». O brigadeiro Carrinho, comandante-interino da Região Militar de Evora, que tinha aderido ao Movimento sob a pressão dos oficiais, começou ontem a «dar ordens ao contrário».

Imediatamente se estabeleceram contactos com elementos do Movimento exteriores a Evora tendentes a atenuar «a repentina zanga» do brigadeiro Carrinho.

Assim, esta manhã, o brigadeiro Carrinho foi substituído nas suas funções pelo coronel Fontes Pereira de Melo.

Às 9 e 30, encontrava-se na rua um batalhão do Regimento de Artilharia Ligeira 3, «pronto a dominar qualquer tomada de posição contrária ao Movimento».

Diversas secções desse batalhão deslocaram-se a Reguengos de Monsaraz e a outras localidades alentejanas a fim de «acalmarem determinados elementos da DGS e da Legião Portuguesa».

Posição de 15 Sindicatos à nova situação política

Quinze sindicatos de Lisboa dirigidos por direcções que foram eleitos pelos trabalhadores têm estado reunidos para apreciar a nova situação criada pela queda do fascismo e a instauração do regime que pretende conduzir o país para a liberdade e a democracia. Os sindicatos continuam hoje reunidos tendo ontem elaborado o seguinte comunicado: «Os sindicatos signatários, tendo tomado conhecimento da proclamação hoje feita ao País pelo M. F. A., onde se anuncia o fim do regime de opressão fascista, que sempre se identificou exclusiva e criminosamente com o poder económico monopolista, impondo níveis de vida verdadeiramente miseráveis ao País, e considerando que:

foi a movimentação dos trabalhadores em luta ao longo dos últimos 50 anos, não obstante, violentamente reprimida, que criou condições para o êxito do M.F.A.;

a efectiva libertação económica e política da classe trabalhadora, face a toda e qualquer reacção, só pode concretizar-se com a consciente e imediata participação de todos os trabalhadores no processo ora iniciado;

para além do desejo, urgente e amplo debate do que deverá ser o futuro sindical no nosso País, a realizar em assembleias gerais a convocar brevemente;

Entendem que são reivindicações imediatas, fundamentais e intransigentes de todos os trabalhadores, aliás, numa linha de concretização prática de declarações de princípio expressas pelo M. F. A., as seguintes:

1 1.º de Maio como feriado
2 Total liberdade sindical, com rectificação da Convenção n.º 87 da O.I.T.
3 Que sejam respostas as Liberdades Individuais do Povo Português
4 Fim à carestia da vida
5 Aumento imediato de salários e instituição do salário mínimo nacional
6 Redução do horário de trabalho semanal para 40 horas, em 5 dias
7 Reintegração nos seus locais de trabalho de todos os trabalhadores despedidos abusivamente pela sua actividade sindical
8 Liberdade de reunião e associação
9 Imprensa completamente livre. Responsabilidade das redacções na orientação das publicações
10 Administração da Previdência exclusivamente pelos trabalhadores
11 Federação em Organismos Internacionais Sindicais
12 Direito à greve
13 Extinção total da PIDE/DGS e julgamento público dos seus membros
14 Liberdade imediata de todos os presos políticos

Assinaram o comunicado os seguintes sindicatos. sindicato dos Técnicos de Desenho; Sindicato dos Caixeiros de Lisboa; Sindicato dos Seguros de Lisboa; Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa; Sindicato dos Químicos de Lisboa; Sindicato de Radiodifusão e Telecomunicações; Sindicato dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante Aeronavegação e Pesca; Sindicato dos Transportes Urbanos de Lisboa; Sindicato dos Bancários de Lisboa; Sindicato da Propaganda Médica; Sindicato dos Jornalistas; Sindicato dos Lanifícios de Lisboa; Sindicato dos Caixeiros e Escritórios de Santarém; Sindicato do Serviço Social e Sindicato dos Electricistas de Lisboa

ATITUDES ARBITRÁRIAS NOS T.L.P.

Os empregados dos T.L.P. (Telefones de Lisboa e Porto) tomaram ontem conhecimento que as faltas motivadas pela obediência aos comunicados do Movimento das Forças Armadas lhes serão descontadas no ordenado. Assim as pessoas que faltaram ao trabalho no dia 25 de Abril por terem acatado a ordem do Movimento de permanecerem em casa tiveram que dar justificações escritas sendo-lhes dito que se elas não satisfizessem as faltas seriam consideradas injustificadas mas, em qualquer caso, sempre descontadas no ordenado. Muitos empregados pensam que tais atitudes estão a ser tomadas pelos membros do conselho de administração nomeados pelo antigo Governo e que ainda se encontram em exercício.

POSIÇÃO DOS SINDICATOS LIVRES

BRUXELAS, 26 — «A Confederação Internacional dos Sindicatos Livres regozija-se com a queda do Governo de Marcello Caetano, na esperança de que, depois de anos de opressão e estagnação e depois da abolição da censura, se verifique uma oportunidade genuína para desenvolvimentos democráticos» — afirma Otto Kersten, secretário geral da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres. Kersten continua: «O Movimento Internacional dos Sindicatos Livres exige não só que se realizem eleições livres o mais cedo possível, mas também a restauração da democracia e dos direitos cívicos e humanos do povo português».

E Kersten sublinha: «Damos total apoio ao estabelecimento de um movimento sindical livre e democrático, assim como o termo das guerras coloniais.

«Solicitamos a imediata libertação dos povos africanos governados pelos portugueses, conduzindo assim à independência total destes territórios».

A conferência episcopal da Metrópole solidária com o bispo de Nampula

. O Secretariado Geral da Conferência Episcopal da Metrópole tornou público o seguinte comunicado:

. «Os bispos da Metrópole tiveram a sua Assembleia Ordinária de Abril, em Fátima, do dia 23 ao princípio da tarde ao dia 26.

No decurso dela ocorreram os acontecimentos de carácter nacional que são do conhecimento público, os quais não deixarão de ter fundas repercussões na vida do povo de que têm a responsabilidade pastoral.

Nestas circunstâncias formulam o voto de que tais acontecimentos contribuam para o bem da sociedade portuguesa, na justiça, na reconciliação e no respeito por todas as pessoas. Apelam para as virtudes cívicas dos católicos e de mais portugueses de boa vontade. E rezam a Deus pelo povo de Portugal.

Na sua reunião começaram por considerar os acontecimentos recentemente verificados na Igreja de Moçambique, a compelxidade dos mesmos e a informação deficiente e nem sempre exacta deles difundida tanto no País como no estrangeiro. Não lhes pode ser indiferente o facto de tantas cristandades, até há pouco florescentes, se verem privadas da presença de missionários que pastoralmente as assistam. Não lhes é indiferente também o sofrimento dos pastores da Igreja de Moçambique tão profundamente provada.

Consequentemente, a Conferência Episcopal da Metrópole decidiu enviar um telegrama ao Presidente da Conferência Episcopal de Mozambique, D. Francisco Nunes Teixeira, bispo de Quelimane, exprimindo os seus sentimentos de comunhão eclesial e participação nas provações e sofrimentos dos bispos de Moçambique e das Igrejas que lhes estão confiadas.

Tendo conhecimento de que se encontra na Metrópole o bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, a Conferência resolveu enviar dois dos seus membros à sua residência para lhe manifestar a sua amizade fraterna e lhe dizer que os bispos da Metrópole, fazendo-se eco da Nota do bispo de Quelimane de 20 de Abril, lamentam as dolorosas ocorrências que provocaram a sua saída de Moçambique.

No cumprimento da Agenda dos trabalhos, a Assembleia fez a revisão regulamentar das actividades do ano transacto nos diversos sectores da vida da Igreja em plano nacional, e tomou várias resoluções que oportunamente serão dadas a conhecer. Fátima, 26 de Abril de 1974.»

CONTRA AS VIOLENTAS MANIFESTAÇÕES DE NAMPULA

O presidente da Conferência Episcopal de Moçambique emitiu a seguinte nota:

. «A propósito dos últimos acontecimentos, que se desenrolaram entre nós depois da nossa última reunião, haviada em Quelimane, de 27 a 30 de Março último, pareceu-me que vos devia dirigir uma palavra simples mas esclarecedora e significativa, ainda que a possais julgar pouco explícita.

Esta palavra que vos dirijo é da minha única responsabilidade, mas insere-se naquela ideia aceite de diálogo que prometemos entre nós durante a reunião acima referida.

Eis, pois, quanto vos quero dizer por agora:

. 1. Entre os graves deveres que impendem sobre os bispos, conta-se a missão de levar os homens a amarem-se uns aos outros, na verdade e na justiça.

Onde falta o amor dos homens entre si, a Igreja está longe de ter cumprido a sua missão, por não ter conseguido transmitir ao coração de cada um a lei essencial do Evangelho de Jesus.

Onde falta o amor dos homens entre si, Deus não está presente. Sobre vós, rev.os Suepriores Regionais, tão ligados ao serviço da Igreja nas respectivas dioceses, recai também a responsabilidade de levar os homens, qualquer que seja a sua condição ou cor, a amarem-se mutuamente.

2. Qualquer manifestação de ódio ou violência, seja onde for e contra quem for, desagrada a Deus, e está contra a lei fundamental do Evangelho de Cristo.

Por isso, não posso deixar de vos comunicar que desaprovo, íntima e profundamente, as manifestações violentas levadas a efeito últimamente em Nampula, Namaacha e Songo e das quais, em alguma medida, se fez eco a nossa Imprensa diária. Continuo convencido de que as questões entre homens sérios se devem resolver pelo direito e pela razão, em diálogo franco e leal.

3. Devemos pedir e insistir perante os cristãos conscientes mais directamente ligados aos acontecimentos que se esforcem por criar um clima de concórdia e paz, e roguemos aos missionários que tentem por todos os modos e meios ao seu alcnce congregar entre si todos os membros do Povo de Deus, levando-os à prática da justiça e da caridade cristã.

Mais vos digo que vou pedir às autoridades que se esmerem por exigir ordem e disciplina, porque os levantamentos populares deseducam os homens que podem ser levados a crer que é lícito fazer jsutiça pelas próprias mãos.

4. Devemos ter como norma o respeito pelas autoridades constituidas, ainda que alguém possa ou tenha razões para considerar menos digno qualquer detentor de autoridade (**etiam díscoli**, como ensinou S. Paulo).

Mas o respeito não pode imedir que se diga evangelicamente a verdade, deve ser mútuo e de molde a não permitir ambiguidades que conprometam a independência quer do Estado quer da Igreja, que se devem defender por seus meios específicos e próprias razões válidas, año acorrentando nenhuma das partes a pontos de vista provativos.

A nota do Ministério do Ultramar, de 16 de Abril corrente, não parece manter a imparcialidade e a independência que acima se apresenta como atitude desejável e nobre e, mesmo sem haver essa intenção, pode ser causa de uma campanha de acusações contra a Hierarquia de Moçambique, acerca da independência respeitosa, que sempre deve existir entre os dois poderes.

5. Termino por pedir as vossas orações, penitência e sacrifícios pelas Igrejas locais de Tete, Beirs e Nampula, desprovidas do seu bispo na Metrópole, para onde se retirou contra a vontade, envolvido que foi por um clima hostil que se desencadeara, talvez, nã de tod espontaneamente.

Quelimane, 20 de Abril de 1974.

FRANCISCO NUNES TEIXEIRA

Provas de carinho da multidão pelos soldados

MÉDICOS CONVOCADOS PARA TRATAR DA ESTRUTURAÇÃO DO SEU SINDICATO

Os corpos gerentes da Secção Regional do Sul eleitos em 1971 distribuiram o seguinte comunicado em papel timbrado da Ordem:

«Os Corpos Gerentes da Secção Regional do Sul, eleitos em 15/Nov./71, em reunião alargada, no dia 26/4/74, considerando o condicionalismo político actual e o momento grave que atravessa a Saúde e a Assistência, de que os médicos são necessariamente corresponsáveis, decidirum expulsar o Curador, retomar as funções até à eleição de uma nova Direcção e convocar para 2.ª-feira dia 29, pelas 21 e 30 horas, na sede da Ordem, uma Assembleia de Emergência da Secção Regional do Sul, que funcionará 15 minutos depois, com qualquer número de elementos presentes e com a seguinte

1) Estruturação do Sindicato Médico

2) Interferência imediata deste Sindicato na Organização e funcionamento dos Organismos de Saúde e Assistência Médica.

3) Reintegração efectiva de todos os médicos demitidos dos seus cargos profissionais.

4) Atitude face aos médicos da PIDE-DGS. **Os participantes da reunião enviaram ao curador nomeado pelo antigo Governo fascista a seguinte carta:**

«Ao dr. Fausto Cruz de Campos:

Decorrente do condicionalismo político em vigor, considere-se necessária e imediatamente privado dos poderes ilegítimos de Curador.

A sua actuação no período findo será sindical e disciplinarmente objecto de apreciação pela assembleia, orgão soberano dos médicos.»

ESCREVO O TEU NOME: LIBERDADE

Regressaram as fábulas holandesas do nosso amigo mocho. Eu, que não faltei uma única, eu que chegava sempre ao fim a interrogar-me sobre a piada què os holandeses achavam àquilo (sim, porque achavam mesmo, as fábulas estão recheadas de intenções políticas num jogo que nós, fora dele, não entendemos com facilidade) eu ontem cheguei ao fim e não perguntei coisa nenhuma. Porque não apenas não percebi, como não ouvi uma única palavra. Uma só, se quiser recuperá-la, não consigo. Repartido entre o televisor e o transistor. Os olhos no vídeo, o transistor colado à orelha.

Calhou logo num dia em que o Rádio Clube Português, através dos seus repórteres Alfredo Alvela e Armando Pires, nos deu a maior reportagem da história da Rádio em Portugal: uma visita ao presídio de Caxias, logo que tiveram a notícia da próxima libertação dos presos.

Acompanho-os. São nove horas e sete minutos quando entram os portões do presídio. O entusiasmo é tanto que quase não deixa perceber uma frase inteira. Apanham-se palavras isoladas: Amigo... Liberdade... Camarada...

Depois, o primeiro diálogo:

— *Como é que vocês souberam?*

— *Ontem à noite presumimos que havia qualquer coisa visto que isto estava guardado por uma forma que não era habitual. A guarda saiu de lá para fora com o equipamento completo de guerra, claro — capacete, armamento, sacos.*

Procuro fixar a atenção nas palavras do televisor. Impossível. A minha memória é uma chapa gravada e descobre as palavras de outro preso.

— *Ontem, com a Guarda Republicana a tomar aí medidas de campanha, medidas de guerra, calculámos que havia qualquer coisa.*

Entretanto, como havia aqui manifestações dos presos... Aqui em baixo, nas celas em comum há dias que andavam a fazer um trabalho colectivo, de defesa, porque não tinham recreio, não tinham visitas, não tinham nada, pensámos que fosse uma manobra de intimidação contra os presos, para que se calassem, porque eles cantavam, gritavam durante todo o dia. Depois, mais tarde, com outras medidas mais rigorosas é que percebemos que havia qualquer coisa.

Não tarda nada, vem aí o António Victorino de Almeida, na repetição de uma «História da Música». Vai ser bom, voltar a vê-lo. A ele que mandava sinais de inteligência e resistência para dentro da grande prisao que era Portugal.

— *Bom dia. Não me conheces?*

— *Então não conheço! Estás porreiro, pá!*

— *Tem calma, tem calma, já acabou!*

— *Acabou mesmo?*

— *A amnistia geral foi proclamada pelo general Spínola.*

Não, meu amigo. Não oiço nada do que dizes. Desculpa. Hoje, é outra a música, outra a história. Outra voz estou a ouvir, uma voz familiar. Alguém que conheço há tantos anos: Tengarrinha, uma força de amor e de combate do nosso povo:

Este é um momento emocionante. É muito difícil, pois nem temos conhecimento exacto do que se passou. Foi-nos vedada qualquer informação inclusivamente esta manhã foi-nos proibida a leitura de jornais. Apenas por informações prestadas por alguns oficiais creio que pára-quedistas ou comandos que rodeavam o forte soubemos aproximadamente o que se passava. Já ontem tínhamos notado alguns sinais estranhos e tínhamo-nos apercebido de uma certa gravidade da situação. Não sabíamos, porém, até que ponto a coisa estava controlada pelo Movimento de tropas e até que ponto poderiam ser exercidas contra nós quaisquer represálias. Calcule portanto a noite que nós passámos, sem saber o que se passava, sem saber as represálias que poderiam ser exercidas sobre nós. Quero dar um abraço a todos e dizer que, quaisquer que tenham sido as características deste movimento ele contribui efectivamente para a democracia no nosso País e para a liberdade de todos os portugueses.

Está agora no televisor o *TV Clube* antigo. Canta-se e dança-se. Não preciso de me distrair. Pelo contrário: aperto o gasganete do televisor (mansamente, sem rancor ou sem dureza como *antigamente*). Todo me concentro naquelas palavras ouvidas na reportagem do Rádio Clube Português. Palavras que não esquecem mais. Que ficam a depor para a História:

— *É capaz de nos contar a sua história desde que entrou aqui?*

— *Entrei aqui no domingo, dia 21, às 7 sete horas da manhã, vim do Porto. Fui preso às nove da manhã e trouxeram-me logo algemadp, de algemas com as mãos atrás das costas, o que foi bastante doloroso, do Porto até aqui. Entrei aqui. Entrei aqui e foi-me logo exigida a identificação. Como no Porto, recusei. Não prestava qualquer declaração. E até se passou um caso com piada. Há uma orientação, não é, e então para um funcionário do Partido não há que prestar qualquer declaração.*

Começaram logo na tortura do sono. Numa sala grande encontei 80 pessoas de um lado e 70 de outro. Constantemente era o inspector Capela, era o Sacheti e era o Tinoco. Queriam que eu me identificasse, eu recusava-me a prestar a identificação, pregaram-me uns murros.

Eu logo do princípio tinha dito aos tipos: Eu tenho uma hérnia na coluna, gostava de fazer uma biopsia dentro de dias, portanto os senhores são responsáveis por isto.

Estive vinte e seis horas de pé. Depois disse que ou me davam uma cadeira ou eu não me levantava do chão. Os gajos começaram-me a agredir, não já com tanta força com receio de qualquer complicação, devido à minha doença.

Tive quatro noites — domingo, segunda, terça e quarta — a tortura do sono. Depois regressei aqui ao reduto norte, sem saber o que se passava. Como o médico me tinha dito que devia tirar a radiografia, admitia que era para tirar a radiografia, para os gajos saberem se me podiam desancar ou não com força. Começo a ouvir gritar, penso que é algum protesto. Levantei-me para ver o que havia. De repente, entram dois oficiais:

— *Identifique-se. Quem é você?*

Eu não sabia o que se passava e respondi que não tinha declarações a prestar.

— *Identifique-se, veja lá, é para seu interesse.*

Agora é uma alegria nova...

— *Quando os oficiais apareceram julgava que era mais um interrogatório?*

— *Julgava. E então aparece-me um com aquele corpanzil e pensei: Este é que me vai malhar bem...*

Nunca tive dúvidas quanto ao meu comportamento. Já tenho quinze anos de clandestinidade e desde o princípio a minha decisão, como militante do Partido, era a morte na luta, se isso fosse necessário. Mas sinto as pernas a tremer não sou capaz... Não acredito. Parece que ainda estou a delirar hoje.

Por MÁRIO CASTRIM

Aparece o primeiro anúncio desde quarta-feira: a lotaria. Quem tiver o bilhete premiado, ganha um fortunão. Publicidade: aí está uma matéria a que o Vinte e Cinco de Abril tem de prestar atenção, no território da TV. Falaremos disso. Agora quero saborear outra voz amiga, a de Sérgio Ribeiro. «Bom dia, Sérgio!», grito. E sei que ele me escuta:

Eu estava em isolamento há oito dias com outros camaradas. Só quem viveu esta experiência é que pode saber o que foi uma noite de expectativa. O aparecimento de todos estes homens fardados de pára-quedistas criou mais expectativa ainda, se assim se pode dizer. Durante toda a noite esteve aqui o director da prisão e eu apercebi-me de que estava o carro à porta.

Bom, neste momento é qualquer coisa que não se pode dizer nada de lúcido, de calmo. Como estava à espera de ir para a tortura ou de ver os amigos virem da tortura, encontramo-nos aqui no pátio a ver as janelas do lado de fora. Ainda ontem estava do outro lado e sem saber o que se ia passar hoje...

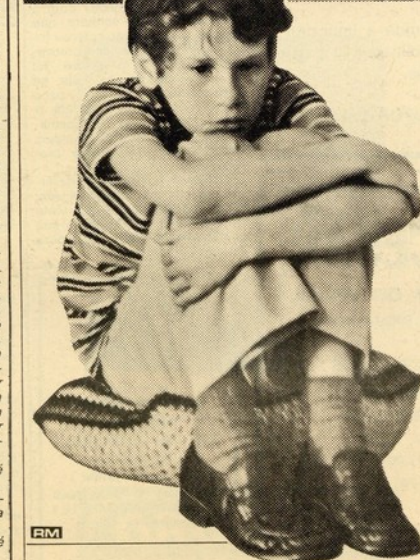
Impossível contar tudo o que a reportagem nos disse. Liguem logo à noite para o Rádio Clube Português. Pode ser que repitam a transmissão. Digam que não querem perder um instante em que a Rádio falou com o coração nas mãos. Com o coração português nas mãos.

Outro momento de rara emoção veio-nos da TV. Uma reportagem feita através da cidade.

A câmara chega à Rua António Maria Cardoso, move-se lentamente enquanto olha para o chão. Lentamente, pesadamente, anda em círculos. Mostra-nos na calçada uma larga mancha, e outra e outra. Escuras, na calçada branca. São mapas, continentes talvez, ou representação de oceanos...

São sangue. Do nosso. Das últimas, como diz Fernando Balsinha, *da sanha da PIDE.* Ah, os mortos ao amanhecer, os que tombaram quando já o Dia ia fazer-se luz...

Fico a recitar o teu poema, Mário Dionísio, enquanto as

Continua na pág. 7

DL/ESPECTÁCULOS

"25 MILHÕES DE PORTUGUESES

Castelo Branco e Amália: melhor fado espera por vós

Texto de ALEXANDRE PAIS

No momento em que escrevo estas linhas, ainda não sei, se após o golpe de Estado que libertou o País, poderá a R.T.P. cumprir a programação anunciada para domingo. Como tal, parece-me importante revelar, aos leitores do «DL», o que se passou na última terça-feira no «Teatro Maria Matos», cheio que nem um ovo para assistir à gravação do programa «Vinte e Cinco Milhões de Portugueses», dedicado (?) ao distrito de Castelo Branco.

A lotação estava esgotada, havia quatro dias. Regressada recentemente a Portugal, após uma longa «tournée» pela Itália, Amália arrastava consigo a parte possível dos seus adeptos. Muitos ficariam de fora, tentando os habituais truques para uma «borla».

Glória de Matos, com o ar emproado e o estilo enfático do costume, começou por anunciar o Orfeão de Castelo Branco, dizendo, a páginas tais, estas brilhantes palavras:

Castelo Branco é notável pela sua divulgação, pela divulgação da sua tradição.

O maestro Carlos Gama, responsável pelo referido Orfeão, enunciou as possibilidades culturais da cidade:

Falta-nos um grupo de teatro em Castelo Branco. Não temos ópera ou ballet. Não temos uma casa em condições para espectáculos de envergadura.

Têm um maestro.

Chegou a altura de Henrique Mendes entrar com a solenidade dos momentos fúnebres, pôr os óculos e começar a ler um texto de **recorte patriótico.** O segundo-sargento José Paulo dos Santos, morto em Angola, em 16 de Abril de 1963 e a quem foi conferido, a título póstumo, o grau de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, é apontado não como exemplo de um dos milhares de portugueses que, fiéis ao cumprimento do seu dever para com as Forças Armadas, perderam a vida longe da terra que os viu nascer, mas como **um exemplo** de «herói-escolhido», fazendo jogar na sombra o sacrifício de tantos outros.

O filme que nos foi apresentado em seguida, com os pais de José Paulo dos Santos recordando especialmente o filho que nunca esquecem, confirma o espírito mórbido do autor da «proeza» televisiva. Tudo para nos mostrarem que Castelo Branco também tem um herói. Como se tivesse só um. Como se fosse fácil arranjar outro nome que melhor assente em tantos milhões de portugueses...

A emoção que passou pela sala do «Maria Matos», não conseguiu esconder a frieza de muitos espectadores, revoltados com os objectivos da «cerimónia».

AQUI

O programa prosseguiu com aquilo a que se pode chamar «uma grande maldade». Seis moços foram lançados no palco, para apresentar os trajes típicos de três povoações beirãs. Claro, que as mãos calejadas, pouca experiência lhes deram do fado de se apresentarem à curiosidade pública. E foi perfeitamente lamentável, ouvir os risos da plateia, senti-los dirigidos à rusticidade dos jovens. De facto, é muito triste rir-mos de nós próprios...

A sessão estava definitivamente estragada. Faltava Amália, certo. Mais uma razão para esquecer o que relatei e o mais que prosa não merece. O engenheiro Valente, industrial, afirmou ser o beirão, **um homem cheio de contrastes** e que se referiu às termas de Castelo Novo, **encerradas por motivos que não vêm agora aqui**, provando (assim) a inutilidade das suas declarações. O rancho folclórico de Silvares, que Mendes elogiou em termos originais: **uma das manifestações populares mais autênticas, mais verdadeiras, do nosso** *País...* O senhor que pediu um **hotel luxuoso, de 14 pisos** para Castelo Branco. A Orquestra Típica Albicastrense e Eugénia Lima, que confessou que toda a gente da cidade gosta muito dela e que fazendo uma pequenina inconfidência queria dizer que conheceu muito bem o avô de Henrique que era um velho muito bonito muito parecido com o neto e que era muito amigo dela porque lhe levava a casa um pombinho prá menina e era muito engraçado porque andava a espreitar os namorados pelos jardins para oferecer um raminho de violetas às meninas. O Grupo de Bombos de Almaceda, que se anunciou possuir uma **música bárbara e fascinante...**

AGORA

Amália cantou, quanto a mim, melhor do que nunca. Foi sempre distinguida (?) com grandes ovações, teve de continuar para além do previsto, interpretou, a pedido do público, o «Fado Amália», não terá visto Glória e Henrique aplaudindo-a dos bastidores e provocou um verdadeiro «engarrafamento» de admiradores, na entrada de acesso aos camarins. Ramos de flores, pedidos de autógrafos, cumprimentos e simples sorrisos, esperaram por ela até às tantas da madrugada...

Perante isto, que se espera da RTP? A transmissão do «show» de Amália, que não se deve roubar à visão dos telespectadores. E por muito que me tenha «comovido» com o desgosto duma senhora que queria o «momento solene» interpretado por Mendes, colocado no final do programa (**foi a parte máxima da festa, eu até conhecia a família...**) peço — convicto que interprete o desejo de milhões de espectadores — que os mesmos sejam poupados a mais essa provação.

Chegou o tempo de chorarmos os mortos, sorrindo à vida. Que espera ansiosa por vinte e cinco milhões de bocas que se começam a abrir. O ar puro é agora de borla.

TRANSFORMAR O CINEMA

Transformar o cinema. Fazer dele, finalmente, o verdadeiro instrumento de cultura que noutros países já é há muito.

Por um cinema português de genuína expressão nacional. Conferir às imagens a dignidade de um rosto legítimo, autêntico e total. Falar do povo português e dos seus reais problemas.

Acabar com o desviacionismo sistemático, com a mistificação obrigatória, com a mentira. No cinema português — a expressão dos sentimentos e da razão — em liberdade.

Filmes que até hoje os portugueses não viram. Filmes portugueses desviados abusivamente dos olhos do público a que obviamente se dirigiam. Alguns títulos rapidamente, dos últimos anos: **Nojo aos cães**, de António de Macedo; **Índia**, de António Faria; **Quem espera por sapatos de defunto** de João César Monteiro; **Grande, grande era a cidade**, da responsabilidade de Rogério Ceitil e Lauro António; **O Mal-amado** de Fernando Matos Silva e outros. Todos os filmes portugueses em exibição integral em salas portuguesas. Mais salas, mais público, maior responsabilidade cultural e social surgirão então.

Filmes cortados, amputados, que até hoje vimos. Impõe-se que os mais importantes de entre eles, possivelmente também os mais prejudicados, surjam agora integrais, restaurados na sua unidade e vigor. O que tem idêntico significado quer para os filmes portugueses, quer para os filmes estrangeiros que em Portugal eram vistos por outros antes do próprio público.

Falando de filmes importados. Das centenas de títulos que as salas portuguesas desconheceram. Obras das mais importantes na cinematografia contemporânea e na história do cinema. Lacunas que há que começar a preencher desde já, rapidamente. Não só pelo usufruto da liberdade. Impõe-se que as entidades particulares — distribuidores e exibidores — providenciem desde já para que tais obras surjam nas nossas salas, perante o povo português. Através de uma esclarecida escolha numa óbvia escala de prioridades.

Transformar o cinema — uma promessa. Também o nosso projecto de portugueses, a cumprir.

LAURO ANTÓNIO

NOVOS DISCOS

Abba: "Waterloo"

Os membros do grupo Abba fizeram o seu primeiro disco em 1972. Era «People need love», e obteve sucesso nas «charts» eles decidiram continuar com um segundo disco — «He is your brother». Nessa altura, os quatro jovens artistas cujos nomes são Agnetha, Bjorn, Benny e Annifrid, eram somente conhecidos individualmente e só mais tarde adoptaram a designação de Abba.

Como nasceu o nome de Abba? Os artistas originalmente chamados Agnetha, Bjorn, Benny e Annifrid (nos círculos internacionais os nomes de Agnetha e Annifrid foram mudados para a pronúncia mais fácil de Anna e Frida respectivamente) gravavam a **solo». No entanto e como os nomes todos juntos eram muito compridos e complicados para «disc-jockeys», Imprensa e outras pessoas, pareceu natural usar as suas iniciais e chamarem ao grupo Abba.**

Todos começaram a fazer o mesmo e em breve o nome estava tão bem colocado, que não havia «chance» de outra possível mudança. Abba tornou-se o nome oficial do grupo. Agora existe uma fábrica de conserva de peixe com o mesmo nome. Como se pode imaginar estabeleceram-se confusões no princípio mas logo se tornou óbvio que havia lugar para dois Abba. Um não fazia concorrência áo outro.

Com foi amplamente divulgado, o grupo venceu com «Waterloo» o último Festival da Eurovisão. O disco está já à venda entre nós.

Continuação da pág. 5

pegadas da manhã se confundem com aquelas pegadas da morte.

Antigamente, eu amava a televisão por aquilo que ela nos podia dar; começo a amá-la por aquilo que ela já nos dá. Uma sensação estranha. Como quem, no aeroporto, aperta nos braços a mulher amada trazida, surpreendemente, no derradeiro avião da noite.

A *Antologia*, como se sabe, é uma das obras de maior qualidade da televisão portuguesa. Não podia perdê-la, de maneira nenhuma. Pois perdi, quer dizer: não sei dela. Apanhei-a nos olhos e deixei-a fugir como água por entre os dedos. Tudo isto me parece agora, e por enquanto, supérfluo. Deixem-nos viver, respirar profundamente estes dias. A televisão tem muito que fazer. Estar viva e presente na vida é agora a sua vez.

Por exemplo: cheia de interesse, a vários títulos, foi a conferência de Imprensa do Presidente Spínola: a sua simplicidade, a atenção milimétrica das palavras, a nenhuma importantização para a História, o nenhum jogo para a galeria. O seu riso juvenil quando lhe perguntaram quem era o *líder*...

Recordemos, agora, algumas palavras lidas por Fialho (agora mais calmo): *A televisão pôs no ar as primeiras imagens vitoriosas do Movimento das Forças Armadas. Foi a primeira emissão inteiramente livre da RTP a aparecer ao fim de 17 anos, integralmente e só realizada pelo seu pessoal, sem a execrável fiscalização do regime que vinha oprimindo a Nação.*

Que o seu trabalho prossiga, vivo e em cima da hora. A propósito: por que faltaram as câmaras de televisão, à tarde, diante do Presídio de Caxias, onde milhares de pessoas aguardavam para a grande festa da liberdade, a saída dos presos políticos? A sua presença lá era indispensável para fixar algumas das imagens mais preciosas dos nossos dias. É preciso que o povo português tenha agora a liberdade de ver bem o rosto dos que a perderam para o defenderem. Para que ganhe consciência do muito que lhes deve.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria da Estação de Oeiras» por Manuel M. Jesus Oliveira. — MONTE ESTORIL

Provocadores da PIDE-DGS

Durante a noite de ontem a Junta de Salvação Nacional dava conhecimento, através de um comunicado difundido pelos órgãos da Informação, de situações anómalas que se verificavam ainda com elementos da PIDE-DGS ainda à solta na cidade de Lisboa. Era do seguinte teor a informação:

«Chegou ao conhecimento da Junta de Salvação Nacional que elementos da D.G.S. estão a seguir os vários elementos e núcleos das forças que continuam no cumprimento da sua missão.»

«Solicita-se a esses elementos que avaliem perfeitamente a situação actual que o País vive e o risco que corre a sua integridade pessoal na continuação de actividades usadas pelo anterior regime. O Movimento já mais uma vez fez sentir à Nação a sua intenção de que tudo se processe dentro da maior ordem e civismo e de que não hesitirá em fazer intervir as forças que a Nação pôs à sua disposição integral na manutenção da ordem.»

Só resta a película

Eis uma sequência de um dos filmes protagonizados por Bud Abbot e Lou Costello, dupla que se desfez em 1957 depois de ter entrado em mais de 50 filmes. Em 1959, morria Costello. Agora foi a vez de Abbot, vitimado por um cancro aos 75 anos de vida

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu

Av.ª 28 de Maio, n.º 31 — Telef. 25101

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE:

- **7 equipas estomatológicas**
- **7 cadeiras dentárias**
- **2 aparelhos de Raio X**
- **2 aparelhos dentários para destartarização**
- **7 estufas de esterilização**
- **7 cargas de material para o início de uma consulta**

Até às 18 horas do próximo dia 20 de Maio, aceitam-se propostas em carta lacrada e registada, contendo no sobrescrito a indicação — P.º Aq. n.º 2095 — para o fornecimento do material em epígrafe.

As propostas serão abertas em reunião da Direcção do próprio dia.

O caderno de encargos encontra-se à disposição dos concorrentes na Sede desta Instituição — Sector de Aquisições — onde serão prestados todos os esclarecimentos julgados necessários.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu, 24 de Abril de 1974.

A DIRECÇÃO

DL/GERAL

ASSUMIR O DESTINO

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Esfrego os olhos, que me pedem sono, após 36 horas de exaltação e de movimento constante. Entre a nova situação, ainda confusa, ainda quase incrível, e o filme dos antigos horrores, de que nos restam na memória os morcegos e as chamas, os rostos dos torcionários, a parlenda constante dos fariseus e dos seus lacaios, dos exploradores do povo, dos gulosos da retórica vazia.

Torno a ouvir as rajadas de metralhadora, vejo a aurora e a fúria no rosto da juventude afluindo ao Camões, acompanho os soldados de Estremoz, nervosos mas destemidos, escuto o rumor imenso do Largo do Carmo, a grande exigência colectiva de liberdade e democracia, de paz e justiça, os gritos de «abaixo a guerra colonial». Espera-se a todo o momento, com ansiedade extrema, a libertação dos presos políticos. Oficiais de mãos duras e fraternas aceitam o abraço da rua.

Que amanhã será o nosso? A primeira proclamação da Junta de Salvação Pública promete ao País o respeito das liberdades fundamentais, a abolição da censura, o direito de a Nação se governar por si própria, sem tutoria humilhante, num futuro a construir com brevidade. E é já muito. Não será aquilo que a esquerda portuguesa desejaria para já: é, pelo menos, a palavra honrada de quem, devemos acreditá-lo, lhe garante o direito de expressão, de organização, de intervenção legal na vida colectiva.

Uma certeza, como um sorriso, esvoaça no rosto da multidão, enquanto fogem por esquinas e becos as sombrias mariposas da opressão e do crime, executores que tantos anos suportámos: terminou o fascismo em Portugal no dia 25 de Abril de 1974.

Daqui em diante, como cidadãos de pleno direito, vamos assumir o nosso destino.

ASSEMBLEIA GERAL DE AMPOR

AMONÍACO PORTUGUÊS, S.A.R.L.

Sob a presidência do doutor Cimourdain de Oliveira, em representação do Banco Nacional Ultramarino, realizou-se a assembleia geral de AMPOR — Amoníaco Português, S. A. R. L.

O doutor Lopo Cancella de Abreu, Presidente do Conselho de Administração, fez um relato acerca das perspectivas da empresa, cujo futuro se antevê com bastante optimismo. Em resumo, disse: «Além dos conjuntos de unidades chamados Estarreja I e II, que continuam produzindo em condições competitivas oxigénio, hidrogénio, azoto, amoníaco, ácido sulfúrico e sulfato de amónio, devem entrar em funcionamento no próximo mês de Setembro as fábricas que formam o complexo denominado Estarreja III, com produção de ácido nítrico, nitratos e adubos compostos correspondendo a 410 000 contos de investimento.

Em estreita colaboração com a Sacor e com grandes grupos multinacionais, está em marcha o projecto de Estarreja IV, referente ao vasto campo da petroquímica de aromáticos, para a produção de monómeros e fibras poliester, poliamidas e ftalatos, empreendimentos estes que, só por si, representarão em conjunto um investimento superior aos três milhões e meio de contos.

Sempre no âmbito da petroquímica de aromáticos e além destas linhas de produção, cuja preparação está a cargo do G. E. P. A. (Gabinete de Estudos de Petroquímica de Aromáticos), que é orgão executivo da associação Amoníaco Português /SACOR, sairão ainda no primeiro semestre do ano corrente as consultas para as novas fábricas de Anilina (Estarreja IV - A) e de T. N. T. (Estarreja IV - T). Por último, vai ser entregue dentro em breve o pedido para a instalação de uma fábrica de corantes (Estarreja -Q), com a qual o Amoníaco Português dará o primeiro passo no campo da química fina.

Já noutro continente foi também atribuído ao Amoníaco Português o empreendimento da construção e exploração de uma grande fábrica de adubos em Angola, próximo de Caála (Robert Williams), distrito de Huambo, simplesmente porque foi a nossa Empresa, de entre as concorrentes, aquela que, sem quaisquer dúvidas, apresentou a melhor, mais bem estruturada e adequada proposta. Espera-se que a fábrica de Caála entre em funcionamento no final de 1976.

Há, portanto, e como se vê, disse a terminar as suas considerações o doutor Cancella de Abreu, fortes razões para encarar com a maior confiança o futuro da nossa Empresa.

O Administrador-Delegado, engenheiro João Paulo Castello Branco esclareceu, seguidamente, algumas perguntas feitas pelos accionistas, referindo a propósito as perspectivas animadoras que se espera venham a concretizar-se, no plano da exploração, já no exercício em curso.

A finalizar, foram aprovados por unanimidade o relatório e as contas referentes a 1973 bem assim como votos de louvor aos Conselhos de Administração e Fiscal, à Mesa que dirigiu os trabalhos e a todo o pessoal.

"FILOPÓPOLUS" NA MARINHA GRANDE

Continua a ser aguardada na Marinha Grande, a representação da peça «Filopópulos», de Virgílio Martinho, hoje pelas 21 e 30, no Engenho.

Dado o interesse que esta iniciativa conjunta do Sport Operário Marinhense e do Sport Império Marinhense (duas colectividades locais com tradições culturais), está a despertar, tudo leva a crer que a enorme sala do Sport Império Marinhense será pequena, para conter toda a gente que quer assistir ao espectáculo e dele fará um acto de verdadeiro convívio cultural e associativo.

CONCURSO FOTO TORRALTA

1

2

3

1-PREMIO ARTE POPULAR/ARTESANATO

CARLOS COUTINHO
R. da Boavista 844 PORTO

MENÇÃO HONROSA

JOAO MANUEL RODRIGUES COUTINHO
Av Elias Garcia 22 4º LISBOA

2-PREMIO ARQUEOLOGIA

MENÇÕES HONROSAS

LUIS ANTONIO CANGUEIRO
Residência Calouste Gulbenkian BRAGANÇA

CARLOS COUTINHO
R. da Boavista 844 PORTO

3-PREMIO MONUMENTOS

ARTUR RAFAEL DIAS NEVES
Trav. da Cruz aos Anjos 8 4º Dto LISBOA

MENÇÕES HONROSAS

GERTRUDES COSTA
Av de Roma 107 2º E LISBOA 5

DOMINGOS MANUEL SILVA FARINHA
R. Fr. A. Chagas 2 2º Esq. SETUBAL

1. As fotografias no formato 18 x 24, reproduções brilhantes, têm de versar um dos três temas:

A) Arte Popular e Artesanato
B) Arqueologia
C) Monumentos

1.1 As fotografias devem indicar obrigatoriamente no verso, além do nome e morada do concorrente, qual o tema a que concorre a fotografia.

1.2 A má classificação do tema fotografado é factor de exclusão da mesma.

1.3 Cada concorrente é obrigado a identificar-se da mesma maneira do princípio ao fim do concurso, de modo a evitar possíveis duplicações de classificação do mesmo concorrente que, em caso algum serão somadas sob o mesmo nome, considerando-se unicamente a identificação a que corresponder o maior número de pontos acumulados.

1.4 As fotografias serão enviadas até ao último dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para a Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, não se devolvendo reproduções.

1.5 As fotografias ficarão propriedade da Torralta, que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade só o fará mediante acordo particular com o autor.

2. O júri será formado por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, pertencentes ao corpo de professores do Curso de Formação Artística.

2.1 O júri atribuirá quatro ou cinco prémios e oito ou dez menções honrosas conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas.

2.2 O júri poderá não atribuir prémios.

3. O prémio principal de cada tema, em cada semana, é constituído por uma estada completa de 2 dias para duas pessoas nas instalações da Torralta em Tróia ou no Algarve, por escolha do concorrente, e a menção honrosa por almoço ou jantar num dos restaurantes de Tróia, incluindo a viagem de ida e volta de hovercraft.

4. Estabelecer-se-ão quatro classificações, três por tema, e uma geral por concorrentes, soma das pontuações alcançadas nos três temas.

4.1 O mesmo concorrente pode ser classificado num ou vários temas, no mesmo dia.

4.2 Os prémios não podem ser gozados cumulativamente e têm de ser efectivados até três meses depois da data da sua atribuição.

5. Serão atribuídos três prémios finais. Um para o concorrente mais premiado no conjunto dos três temas e que é uma HASSELBLAD com uma objectiva normal.
Três prémios iguais para os concorrentes mais pontuados em cada tema e que são três NIKON F equipadas com objectivas MIKKRON.

5.1 Os prémios finais não podem ser acumulados, pelo que, quando um concorrente tiver direito a dois ou mais prémios ser-lhe-á atribuído o de maior valia, atribuindo-se o ou os de menor valia ao 2.º classificado.

6. O concurso tem início na 1.ª semana de Setembro, data em que se começará a recepção de fotografias.

6.1 O primeiro dia de publicação no «Diário de Lisboa» será o último sábado de Setembro.

6.2 A sua duração será de 52 semanas, após o que se efectuará uma exposição de todas as fotografias premiadas em local e data a indicar oportunamente.

TORRALTA

DL/GERAL

SEGUNDO O JORNAL "LIBERIAN STAR"

OS PORTUGUESES JÁ NÃO MORRERÃO NAS FLORESTAS DE ÁFRICA

MONROVIA, 27 — O «Liberian Star» e o oficial «Liberian Age» felicitam-se com o Movimento das Forças Armadas Portuguesas. «Na Libéria», diz o primeiro, «nós detestamos a rebelião armada contra um Governo constituído, mas louvamos esses patriotas das Forças Armadas Portuguesas pela sua luta revolucionária para trazerem a equidade social e a saúde do seu País». Os portugueses «já não morrerão nas florestas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau». Para o «Liberian Age» as Forças Armadas Portuguesas deveria começar por reconhecer a independência da Guiné-Bissau. Depois falarem com os chefes dos movimentos de libertação de Angola e Moçambique para definir um plano para o estabelecimento de Governos independentes.

SPÍNOLA ENCONTROU-SE COM SENGHOR

DAKAR, 27 — O diário senegalês «Le Soleik» (ligado ao Governo) deseja no seu comentário que o general Spínola ponha termo rapidamente à guerra nas colónias portuguesas. Segundo o editorialista, o general encontrou-se uma vez secretamente com o presidente Senghor em Casamance e que este o «convenceu da inutilidade de uma guerra perdida antecipadamente e da urgência de se encontrar para o conflito uma solução negociada que não poderá deixar de levar à independência das pretensas províncias do Ultramar».

Declaração do PAIGC

DACAR, 27 — (F.P.) — Na Rádio Libertação o PAIGC declarou que não aceitará nenhuma proposta ou promessa que não reconheça a sua vitória e a independência da sua república soberana.

Essencialmente afirma que vai reforçar a luta. Assim, considera, concretamente: «O povo português e as forças do Exército Português, estão agora melhor colocadas para saberem que nenhuma solução satisfatória é possível para Portugal sem a liquidação total do colonialismo português na Africa».

MENSAGEM DO GENERAL AMINE

NAIROBI, 27 — (F.P.) — O general Idi Amine, presidente da República do Uganda, enviou um telegrama ao general Spínola pedindo que seja «concedida imediatamente a independência total aos supostos territórios portugueses de Africa». Acrescenta que «a vossa decisão deveria ter sido tomada há bastante tempo, mas mais vale tarde do que nunca». «Espero — prossegue o presidente do Uganda — que vós e os vossos colegas seguireis o conselho de um soldado profissional de um general irmão de armas».

PIMENTEL DOS SANTOS PEDE CALMA

BEIRA, 27 — (F.P.) — O governador geral de Moçambique, Pimentel dos Santos, pediu pela Rádio à população para se manter «calma e confiante». Esforçar-se-á, «em estreita cooperação com as autoridades militares e civis, por manter a estabilidade na vida do estado de Moçambique». Todos os jornais publicam as palavras do governador.

Os observadores notavam que a indicação obrigatória de aprovação pela Comissão de Censura não aparecia nos jornais.

Havia sossego em todas as grandes cidades de Moçambique, não se tendo registado qualquer manifestação depois da queda do regime de Marcelo Caetano.

A AGÊNCIA «NOVA CHINA»

PEQUIM, 27 — (F.P.) — A agência «Nova China» ontem à noite ainda não tinha mencionado o Golpe de Estado militar em Portugal. A agência oficial chinesa, em contrapartida, publicou hoje um telegrama datado de Conakry e alusivo a vários empenhamentos recentes entre «forças armadas patrióticas» e «agressores portugueses». Em Guiné-Bissau o PAIGC dizia ter destruído um avião bimotor em 10 do corrente.

MUDANÇA PARA MELHOR

OSLO, 27 — (R.) — O primeiro-ministro norueguês Trygve Bratteli declarou hoje que o Golpe de Estado registado em Portugal pode significar o fim da situação que sob muitos aspectos impediu o desenvolvimento da cooperação na Europa Ocidental.

Comentando o acontecimento, o diário conservador «Morgenbladet» adverte: «Deve compreender-se que Portugal não tem hipótese, ao fim e ao cabo, de evitar que os seus territórios ultramarinos se separem da Metrópole. Mas há tempo ainda para se encontrar uma transição construtiva» — acrescenta.

Por seu turno, o órgão do Partido Trabalhista Governamental, «Arbeiderbladet», escreve que eram tais as condições em que Portugal vivia sob o regime do primeiro-ministro deposto Marcelo Caetano que qualquer modificação só pode ser para melhor.

GRÃ-BRETANHA

O Governo trabalhista espera a evolução da situação

LONDRES, 27 — O Foreign Office indicou hoje claramente que a Grã-Bretanha espera a evolução da situação antes de se pronunciar quanto aos acontecimentos em Portugal.

O Governo trabalhista, dizem os observadores aqui, vê-se perante um dilema. O reconhecimento da Junta poderia ser objecto das críticas da esquerda do «Labour» que em princípio é contra os regimes militares que considera serem de direita. Mas o Governo teria interesse em animar, com uma atitude benevolente, a transição para um regime mais liberal e democrático em Portugal, que é o mais antigo aliado da Grã-Bretanha.

A decisão do Governo trabalhista será guiada, julga-se, pela evolução nos territórios portugueses de África. Como se sabe o manifesto eleitoral do «Labour» prometia apoiar os movimentos de libertação africanos.

O FIM DA DITADURA

LUSAKA, 27 — O jornal governamental «Daily Paper», felicita-se, em artigo de fundo, com o levantamento militar português que, diz, marca «o princípio do fim, não somente da ditadura em Portugal mas das alianças de Lisboa com os racistas da Rodésia e da África do Sul». O jornal formula o desejo de que a Junta portuguesa vá até ao fim e traga a Democracia não somente a Portugal mas também às colónias portuguesas.

O VATICANO ESTÁ ATENTO

VATICANO, 27 (F.P.) — A situação em Portugal é seguida «com viva atenção» — disse hoje o informador da Santa Sé, prof. Frederico Alessandrini que fez votos para «que os acontecimentos em curso se possam resolver sem dano para as populações, e dentro de uma solução justa dos problemas que se põem ao País».

O GOLPE NÃO FOI SURPRESA

ACCRA, 27 — O «Chanaian Times» declara em artigo de fundo que o golpe de estado não surpreendeu, nada permitindo de resto ter a certeza de que esse levantamento porá termo às guerras nos territórios portugueses e lhes dará a liberdade. O jornal pede uma reunião urgente da **OUA** a fim de estudar as medidas para «libertação dos nossos irmãos».

APOIO DOS ADVOGADOS AO PROGRAMA DA JUNTA

O bastonário da Ordem dos Advogados, prof Ângelo de Almeida Ribeiro, enviou ao general Spínola um telegrama do seguinte teor:

«Bastonário Ordem dos Advogados impossibilitado reunir imediatamente respectivo Conselho Geral desde já manifesta Vossa Excelência incondicional apoio advogados portugueses restauração direitos cívicos e liberdades fundamentais, garantias liberdade individual, extinção jurisdições especiais, defesa independência e dignificação poder judicial, pelos quais este organismo profissional sempre tem propugnado Ponto Apresento Vossa Excelência e restantes membros Junta Salvação Nacional respeitosos cumprimentos».

DOUTORAMENTO ADIADO

A cerimónia para entrega das insígnias doutorais que devia realizar-se amanhã, dia 28, na Reitoria da Universidade de Lisboa, foi adiada para o dia 2 de Junho, às 15 horas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Carlos Alberto Viamonte Cardoso e Silva, «Café Conimbriga»-CONDEIXA

DL/NACIONAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Américo de Oliveira. Praça da República — SOUSEL

NO PORTO:

A Rua 31 de Janeiro recuperou o nome que perdera

PORTO, 27 — Durante toda a noite de ontem e as primeiras horas da madrugada de hoje, a cidade do Porto continuou a oferecer aos seus habitantes um panorama que lhes era, até há pouco, totalmente desconhecido: as pessoas movimentam-se, isoladamente ou em pequenos grupos, juntam-se na Praça da Liberdade, sobem a Avenida dos Aliados e a Rua de 31 de Janeiro (antiga Rua de Santo António e que anteontem recuperou o seu nome). As conversas que se ouvem, as palavras surgidas daqui e dali referem-se, invariavelmente, aos acontecimentos que a cidade e o País acabam de viver.

Às palavras que se dizem juntam-se outras proferidas por alguém que está ao lado, revelando uma desconhecida capacidade de comunicação. Os portuenses, agora pessoas de um País, que afinal interessa discutir, irmanam-se numa convivência nova, tão concreta e tão natural que é impossível não ver nisso os primeiros passos da recuperação de uma esperança julgada perdida, de uma dignidade julgada impossível.

As janelas da delegação do nosso jornal começam a dar-nos um aspecto novo da Praça da Liberdade. São as vozes que se ouvem lá fora, são os vivas a Portugal e à Liberdade, é o Hino Nacional que se entoa, são os «claxons» dos automóveis tocando em sinal de alegria, são todos os novos sons de algo que se vive de um modo diferente. É o fim de uma noite de meio século que começa a ser sentido pelas pessoas, é a alegria de saber que os símbolos de um tempo sem esperança foram destruídos em 24 horas. O portuense começa a repensar um passado que lhe era dramaticamente alheio e a viver um presente que lhe é inesperadamente posto na consciência. E essa é uma tarefa que ninguém poderá fazer por ele.

Curiosamente, muitos dos passos que os portuenses deram no dia de ontem e durante a noite dirigiram-se para o Largo Soares dos Reis, junto dos portões do cemitério do Prado do Repouso. E foram lá porque ali mesmo se encontra o fim de um dos símbolos do tempo sem esperança, o símbolo de um pesadelo numa casa onde muitos portugueses gritaram de dor noites a fio. A ex-sede da PIDE-D.G.S., agora olhada sem medo pelos milhares de portuenses que por lá passaram, numa libertadora romagem que não é de saudade, deixou de ser o símbolo do medo e da ignorância personificados numa casa de que os portuenses não ousavam sequer pisar os passeios. Ontem à noite ouvimos, em frente dessa casa, um homem que dizia: «Pensei que tudo isto já só seria possível quando o meu filho tivesse a minha idade». E outro: «É a primeira vez que calco este passeio e passo aqui todos os dias».

O Porto veio para a rua manifestar o seu apoio à Junta de Salvação Nacional

PORTO, 27 — Às 19 horas de ontem, na Praça da República, em frente do edifício do Quartel-General da Região Militar do Porto, realizou-se uma grande manifestação de apoio, por parte da população, ao Movimento das Forças Armadas que derrubou o governo de Marcelo Caetana. Convocada pelo Movimento Democrático do Porto (M. D. P.), a manifestação reuniu cerca de 10 mil pessoas, sobretudo jovens, vendo-se inúmeros cartazes por entre a multidão com «slogans» alusivos à guerra colonial, ao regresso dos soldados à liberdade dos partidos políticos, etc. Falou em nome das Forças Armadas o novo comandante da Região Militar, coronel Manuel Esmeriz, que agradeceu a manifestação, dizendo nomeadamente: «A vossa reunião neste local e neste dia representa, deve representar, uma expressão da vossa salutar alegria pelo momento que se passa, por aquilo que este momento significa. Devemos todos entender que a vossa manifestação representa a vossa aceitação pela nossa causa. Desejamos receber a vossa manifestação como aplauso à libertação do País pelas Forças Armadas».

As palavras daquele oficial foram vivamente aplaudidas por todos os manifestantes que gritavam em coro: «O povo está com as Forças Armadas». A multidão pediu, depois, para ser hasteada a Bandeira Nacional, o que foi feito por entre aclamações e palmas.

Foi ainda pedida a comparência na varanda do edifício da eng.ª Virgínia Moura, o que não chegou a verificar-se pelo facto de aquela ter sido apenas franqueada aos orgãos de Informação. Todavia, uma comissão do M. D. P., que integrava aquela conhecida democrata, foi depois recebida numa dependência do Q. G. pelo respectivo comandante e outros oficiais. Nessa altura, foi entregue aos representantes das Forças Armadas um documento assinado por elementos do M. D. P., cujo texto transcrevemos no final desta notícia.

Milhares de braços estendidos por entre um mar de cabeças continuaram, por algum tempo, a saudar as Forças Armadas. Terminada a manifestação, a eng.ª Virgínia foi levada em triunfo até à Praça do Município, em frente do edifício da Câmara Municipal do Porto. Os manifestantes percorreram depois as ruas da Baixa, gritando «slogans» alusivos ao momento vivido.

Durante a manifestação, quando o coronel Esmeriz acabava de falar, uma viatura militar — que depois se averiguou ter sido por avaria do acelerador de mão — irrompeu por entre a multidão gerando momentos de pânico. O coronel Esmeriz mandou imediatamente a Polícia Militar averiguar a responsabilidades do incidente, fornecendo depois aquela explicação aos manifestantes, que responderam em coro: «Está desculpado».

Damos a seguir o texto entregue ao comandante da Região Militar por representantes do Movimento Democrático do Porto:

«O M. D. P., que há longos anos luta em condições difíceis contra o fascismo, manifesta através dos signatários deste documento o seu regozijo pelo derrube do governo fascista de Marcelo Caetano, bem expresso também nas grandes manifestações populares que desde ontem vêm tendo lugar por todo o País.

Derrube só possível porque, apesar da terrível repressão que se abatia sobre o Povo Portugues, nem por um instante este deixou de afirmar o seu incomformismo e a sua irreprimível ânsia de liberdade. Este anseio não poderia deixar de se manifestar nas Forças Armadas, onde o povo constitui a grande maioria.

Derrube que se situa após o terceiro Congresso da Oposição Democrática, no qual milhares de portugueses participaram activamente, congresso que culminou com a aprovação de uma declaração final cujas correcção e justeza impulsionaram o Povo português durante a campanha política de Outubro num impetuoso movimento de massas de Norte a Sul do País, inequívoca demonstração de repúdio da situação política então vigente.

Derrube que surge também no momento em que amplas camadas da população, principalmente centenas de milhares de trabalhadores — as maiores vítimas da desenfreada exploração monopolista — lutam pelas mais variadas formas contra a carestia da vida, por aumento de salários e liberdades sindicais.

Derrube que surge inevitavelmente por oposição a uma guerra colonial que vitimou milhares de portugueses e africanos e comprometeu gravemente a economia nacional.

O programa de acção preconizado pelo Movimento das Forças Armadas coincide em parte com os objectivos do Movimento Democrático. Nessa perspectiva, é justa a luta comum para a prossecução dos objectivos enunciados neste programa. Deste modo criadas as condições para a instalação efectiva da Democracia em Portugal. Democracia que só será possível com o fim da guerra colonial mediante negociações políticas com os Movimentos de Libertação das colónias na base do reconhecimento do direito dos povos à auto-determinação e independência e ainda a libertação de Portugal da tutela monopolista estrangeira.

Como representante das aspirações mais legítimas do Povo Português, consciente da gravidade da situação presente, o M. D. P. apela para que o Povo Português, incluindo praças, sargentos e oficiais, garanta a todo o momento a progressiva evolução da situação política que determinará a instauração da Democracia em Portugal. Viva a Liberdade. Viva a Demorracia».

Além dos nomes dos candidatos que em Outubro integravam a lista da Oposição Democrática do Porto, o texto era ainda assinado pelos seguintes democratas: Virgínia Moura, António Macedo, Mário Cal Brandão, Óscar Lopes, Luís Nunes, Joaquim Felgueiras, Albano Teixeira de Sousa e Arnaldo Mesquita.

Hoje: reunião do povo do Bombarral

Todo o povo do concelho do Bombarral reune-se esta tarde na Praça da República daquela vila a fim de manifestar a sua adesão ao Movimento das Forças Armadas.

DL/NACIONAL

Milhares de pessoas na manifestação da C.D.E. de Lisboa

Nas ruas de Lisboa ouviu-se ontem, ao fim da tarde, o grito de milhares de pessoas que exprimiam o seu regozijo pela vitória das Forças Armadas contra a ditadura de Salazar/Caetano e lançavam, ao mesmo tempo, a palavra de ordem para uma luta do povo. Era a primeira manifestação organizada pela CDE que efectivamente chegava a ter concretização.

Panfletos distribuídos durante o dia chamaram a população a concetrar-se no Rossio, para manifestar o seu apoio às Forças Armadas. Foi ali que a multidão se começou a reunir, por volta das seis da tarde, para partir, meia hora depois, em direcção à Avenida da Liberdade. Viram-se, então, aparecer cartazes com dizeres como «Vitória! Liberdade!», «Saudemos o Movimento das Forças Armadas», empunhados por jovens, seguidos por muitos outros jovens e não só, numa coluna que engrossava a pouco e pouco quando os «mirones» que se encontravam ao longo da avenida se incporavam no cortejo.

Mas também se podiam ler nos cartazes muitos outros «slogans», exprimindo as preocupações dos adeptos da CDE: «Amnistia total», «Fim da guerra», «Regresso dos soldados», «Liberdade sindical», «Direita à greve», «Poder aos operários», «Em frente na luta pelo pão», «O futuro conquista-se, não se aceita passivamente», etc.

Ao mesmo tempo, ouvia-se o grito de «Socialismo», «O Povo unido jamais será vencido», ou as estrofes do Hino Nacional, de repente abafadas por um grito que pedia a «morte aos assassinos da PIDE» e encontrava imediatamente eco.

Como nota bizarra, um dos manifestantes empunhava um chapéu de chuva, em cujo topo pendiam seis perdizes mortas e os nomes Marcelo, Thomaz, Moreira Baptista, Tenreiro, Luz Cunha e Casal-Ribeiro.

Ao chegar à Praça Marquês de Pombal, os manifestantes ocuparam todo o recintp em volta da estátua, elevando os cartazes e chamando a multidão que se apinhava junto das entradas do «metro» e do gradeamento da avenida. Carros militares que por ali passaram foram ruidosamente saudados pela multidão.

O cortejo tomou a direcção da Rua Braancamp. Mas deteve-se pouco depois. Da varanda de um dos prédios desta rua, onde é agora a sede da CDE, alguém começou a falar. Mas a multidão quase não o escutava. Sem altifalantes, a voz do orador perdia-se. Apenas era possível distintguir algumas palavras de ordem como «libertação imediata de todos os presos políticos», ou «liberdade, democracia, socialismo». Os que se apinhavam na rua lançaram o grito de «Unidade».

O percurso seguinte foi o da Avenida Fontes Pereira de Melo. Mas uma surpresa esperava os manifestantes pouco depois. Ao chegar ao cruzamento com a Avenida Augusto de Aguiar, um corpo de polícia, com capacetes metálicos e «cassetete» em punho, cortava o acesso a esta via.

Os manifestantes seguiram por isso para o Saldanha. E daqui tomaram o caminho da Praça do Chile. Só aqui, quando já passava das 20 e 30, a manifestação viria a terminar, com novo discurso do líder da CDE, Lino de Carvalho, exprimindo a sua alegria pelo fim de uma jornada de glória desta organização.

OUTRA MANIFESTAÇÃO

Seis e trinta era a hora marcada para a manifestação de apoio ao Movimento das Forças Armadas. A palavra de ordem vinha da CDE através de panfletos e inscrições nas paredes. O ponto de encontro era o Rossio. No entanto grande parte das pessoas que andavam nas ruas a viver os momentos estonteantes da vitória concentravam-se no Chiado e dificlmente abandonavam os pontos estratégicos onde se encontravam há um tempo sem conta, na expectativa de assistirem à passagem das viaturas transportando os elementos da PIDE-D.G.S. para Caxias onde foram ocupar as celas das suas vítimas.

Porém, a pouco e pouco o Rossio começa a encher-se de gente. E dali arranca um grupo de aderentes cedeistas empunhando cartazes e gritando «slogans» em direcção à Avenida da Liberdade.

De repente as palamas e os gritos aumentam de intensidade: foi quando os carros do Exército comandados pelo oficial Bívar desfilaram às voltas no Rossio. De cravos na boca e espingardas erguidas os soldados correspondiam aos aplausos da multidão. Punhos fechados e «vês» de vitória tornaram-se símbolos repetidos até ao esgotamento.

Um colega da rádio, Adelino Gomes, tentava registar no gravador toda aquela explosão de alegria, de convívio espontaneísta entre soldados e civis. Em certo momento aproxima o microfone do oficial e pergunta: **porque vieram ao Rossio?**

Este elemento das Forças Armadas que tranquilamente assinava autógrafos respondeu que estava de serviço e não podia satisfazer a curiosidade do repórter. Mas depois, ironicamente, insinua: **Possivelmente estamos aqui para sermos vitoriados.**

Os carros do Exército encontam-se quase a tocar na estátua D. Pedro IV e os soldados (impassíveis) com uma calma impressionante assistem a uma manifestação do M.R.P.P., grupúsculo maoista conhecido pela sua actividade combatica, que

Professores do I.S.T. apoiam a vitória das Forças Armadas

Com o pedido de publicação, uma comissão dos membros docentes do corpo docente do Instituto Superior Técnico enviou-nos a seguinte nota:

«Os signatários, certos de interpretarem o júbilo da maioria dos seus colegas pela vitória que o Movimento das Forças Armadas acaba de obter, libertando o Povo Português do jugo do fascismo, convidam todos os membros do corpo docente do I. S. T. para uma reunião a realizar na próxima segunda-feira, às 15 horas, no anfiteatro de Electricidade do I. S. T., com o objectivo de afirmarem o seu decidido apoio àquele Movimento e tomar as medidas que se impõem para uma útil contribuição do corpo docente nas grandes tarefas que vão ocupar todo o Povo Português, e em particular a sua posição no que diz respeito à organização democrática da Universidade Portuguesa.»

A CDE de Lisboa reabriu uma Sede

O Movimento CDE de Lisboa comunica que abriu uma sede provisória na Rua Braamcamp, 66, 1.º, Dt.º, onde os serviços funcionam das 9 horas da manhã à meia-noite.

Os activistas do Movimento devem apoiar-se nos serviços da sede como forma de assegurar rápidas ligações com todas as regiões.

O Movimento CDE de Lisboa convida a população a dirigir-se à sede, onde são prestadas informações sobre as actividades do Movimento.

26 de Abril de 1974

VITÓRIA: A ALEGRIA DO PO[V]

É descoberta a liberdade coincidiu com a redescoberta da alegria: não já somente dos campos de futebol, o povo português manifesta-se agora na rua numa ex[...] cívica dos seus mais gi'ados problemas. As Forças Armadas, cerne, real e huma[...] reganharam a sua confiança e voltam a identificar-se com ele. Símbolos ultraja[...] dignidade. Na foto, o exemplo, impressionante que nos vem do Porto: uma man[...] contra a opressão

ita o seu «slogan» favorito: **uerra do Povo à guerra colo-ial** marchando de punho ergui-o com a bandeira vermelha em aberta. Os jovens manifes-ntes pintam as viaturas dos oldados que se transformaram um cartaz ambulante de con-ocação para o 1.º de Maio. Sal-m para os frisos mais altos a estátua e fazem pequenos dis-ursos, atiram targetas brancas que incitam **todos à manifestação do 1.º de Maio Vermelho no Rossio às 19 e 30.** A foice e o martelo em tinta vermelha contrasta com as letras impressas a preto.

Mais tarde, cerca das 20 e 30 a manifestação sobe a Avenida da Liberdade sempre gritando «slogans».

Na zona do Chiado, até ao princípio da madrugada, centenas de jovens continuavam a expandir-se em alegria e seguiam interessados perseguições isoladas a elementos «suspeitos».

Manifestação no Barreiro: mais de dez mil pessoas vitoriaram as Forças Armadas

O Movimento Democrático do Concelho do Barreiro distribuíu o seguinte comunicado:

«Mais uma vez o povo do Barreiro, convocado pelo Movimento Democrático do distrito de Setúbal, saíu para a rua, no exercício de um direito que as forças da G. N. R. fascista lhe roubavam.

A população, demonstrando elevada consciência cívica, percorreu, a partir das 21 horas e durante mais de quatro horas, as ruas do Barreiro e Baixa da Banheira — engrossando progressivamente e ultrapassando os dez milhares — sempre na melhor ordem e disciplina ela mostrou que estará na vanguarda da reconstrução de um Portugal livre e democrático.

Junto das colectividades populares, em cujos mastros foi asteada a bandeira nacional, a multidão entoava vibrantemente o Hino Nacional numa jornada insquecível há longos anos desejada.

«VIVA A LIBERDADE», «VIVAM AS FORÇAS ARMADAS», «VIVA O SOCIALISMO», «AMNISTIA» foram algumas das palavras de ordem gritadas pelo povo em autêntica festa. Também «MORTE À PIDE/DGS», «AOS ASSASSINOS FASCISTAS» e «ABAIXO OS PRESIDENTES MUNICIPAIS VITOR ADRAGÃO E VITOR DE SOUSA», conhecidos lacaios da PIDE, foram gritados, traduzindo o repúdio por essa instituição e personalidade.

Uma ronda dos Fuzileiros Navais foi retirada do veículo e levado em ombros, neles se homenageando a acção que as Forças Armadas levaram a cabo.

Hoje, pelas 17 horas, o Barreiro sairá novamente para a rua, usando de um direito que até agora o poder persistia em reprimir.»

MARINHA GRANDE

As fábricas encerraram para a manifestação da CDE

MARINHA GRANDE, 27 — Reuniu-se ontem à tarde, na Praça Irmãos Stephens, nesta vila, uma enorme multidão, calculada em cerca de 25 000 pessoas, empunhando cartazes, não só daquela vila mas também de Leiria e de outras localidades, para uma manifestação de apoio, adesão e regozijo pelo êxito do golpe de Estado empreendido pela Junta de Salvação Nacional que derrubou o Governo fascista de Marcelo Caetano, promovido pelo Movimento CDE de Leiria.

Ao ser divulgada a ideia da concentração o comércio local e os estabelecimentos fabris, com excepção de um único, encerraram as suas portas da parte da tarde.

Cerca das 16 e 15 começou o grande desfile em direcção aquela praça e alguns oradores dirigiram-se para as varandas do edifício da Câmara Municipal, cujo presidente — causador de vários e graves conflitos com os operários — se encontrava ausente. As varandas estavam decoradas com bandeiras nacionais.

Usaram então da palavra Manuel Baridó, antigo candidato da CDE de Leiria nas últimas eleições para deputados, Francisco de Sousa, Alvaro Domingos Martins, professor da escola técnica local, Joaquim Augusto Cruz Carreira, Virgílio Duarte, Américo dos Santos Catita e um dirigente do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria.

Todos eles se referiam à nova era que irá surgir para o povo português se forem cumpridos como se espera os propósitos enunciados pelo presidente da Junta, general António de Spínola.

Foi determinado enviar um telegrama à mesma Junta solicitando a libertação dos presos políticos e o cumprimento dos anseios manifestados num documento distribuído por toda a multidão.

Depois de entoado o Hino Nacional a multidão deu largas ao seu contentamento gritando vivas à Liberdade, à Democracia e a Portugal.

MILHARES DE MANIFESTANTES EM COIMBRA

COIMBRA, 27 — A meio da tarde de ontem foram distribuídos pela cidade manifestos convidando a população a concentrar-se na Praça da República às 19 horas, a fim de se realizar uma manifestação de regosijo pela vitória das Forças Armadas e de apoio à Junta de Salvação Nacional.

Apesar dos panfletos não terem sido espalhados em profusão, a verdade é que poucos minutos depois das 19 horas grande multidão enchia totalmente a vasta praça, calculando-se em cerca de dez mil o número de presentes.

Organizou-se então um extenso cortejo, massa compacta de milhares de pessoas de todas as idades e categorias sociais, mas com esmagadora maioria de jovens de ambos os sexos que transportavam cartazes com frases do seguinte teor: «Morte à PIDE» e «Socialismo», ao mesmo tempo que a uma voz gritavam «o povo unido jamais será vencido».

O cortejo desceu a Avenida Sá da Bandeira e em frente do edifício do comando da PSP, o comissário Pereira, através de um megafone recomendou que a manifestação de apoio à Junta de Salvação Nacional, a que a PSP estava afecta, se revestisse do maior civismo, pedindo que não se registassem actos violentos. Ao passar na Rua da Sofia a multidão que constituia o cortejo cantava o Hino Nacional e em frente ao antigo quartel da Companhia de Saúde, quando assomaram às janelas alguns soldados, que também abriram o portão e apareceram, foram alvo de grandiosa manifestação a que se associaram.

Sempre dentro de grande entusiasmo o cortejo, aplaudido pelos que assistiam à sua passagem, chegou ao Largo da Portagem onde defronte ao monumento a Joaquim António de Aguiar redobraram as manifestações de regosijo numa onde de euforia e prosseguiu na sua marcha pelas ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, seguindo para a Praça da República, local este em que os manifestantes dispersaram.

Não se registou qualquer ocorrência desagradável durante toda a manifestação.

Coimbra apoia o M.F.A.

COIMBRA, 27 — A população desta cidade veio ontem para a rua para vitoriar os militares que acabam de fazer cair o fascismo e inastaurar um regime de liberdade e democracia. Milhares de Pessoas estiveram na portagem como demonstra o documento fotográfico que publicamos. Entretanto a Câmara Municipal reuniu sob a presidência do eng.º Araújo Vieira presidente nomeado pelo antigo Governo) com todos os vereadores tendo sido divulgada uma moção de apoio à Junta de Salvação Nacional. Por sua vez o comando da Região Militar mandou afixar o seguinte comunicado: «O Comando da Região Militar de Coimbra aguarda ordens Junta de Salvação Nacional, na qualidade de poder político constituído, ordens que, uma vez recebidas, serão cumpridas.

Entretanto, o mesmo comando, regulará o seu procedimento pelo espírito dos comunicados da Junta Nacional de Salvação divulgados pelos **orgãos da Informação».**

Meia centena de professores do Liceu Normal D. João III, desta cidade enviavam às Forças Armadas o seguinte telegrama: Professores Liceu D. João III — Coimbra, felicitam Forças Armadas e apoiam Junta de Salvação Nacional missão restituição direitos cívicos e reconhecimento maioridade política Povo Português».

VO

nos recintos fechados plosão de consciência no do Povo Português, dos readquirirem a sua ifestação arrebatadora

Aveiro na rua

Aveiro também veio para a rua apoiando o novo regime instituído no País pelo Movimento das Forças Armadas

DL/ESTRANGEIRO

França: na dianteira Miterrand e Giscard

PARIS, 27 (R.) — A campanha eleitoral francesa entrou na sua semana final com o rápido exacerbar das paixões políticas e dois candidatos na dianteira — o socialista François Mitterrand e o conservador Valery Giscard D'Estaing.

Embora o antigo primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas, apoiado pelo partido gaullista UDR e um dos favoritos no início da campanha, tenha recebido a valiosa adesão de Michel Jobert, o influente ministro dos Negócios Estrangeiros, a sua estrela tem vindo a empalidecer gradualmente nos últimos dias e é provável que a intervenção de Jobert tenha **vindo tarde de mais para salvar** a sua posição.

No entanto, Chaban pode contar ainda com uma réstea de esperança — a perspectiva da desistência do «outsider» gaullista Jean Rover, devido aos ferozes protestos da extrema-esquerda, que ameaçam paralisar a sua campanha.

Paladino da antipornografia é dos **pequenos comerciantes**, Royer prometeu fazer uma importante declaração, depois de ter sido obrigado a abandonar a tribuna dos oradores numa **sessão de propaganda realizada em Toluouse, sob uma saraiva**da de ovos, frutos podres e obscenidades.

Se os partidários de Royer se virem subitamente sem «leader», quem poderá beneficiar é Chaban-Delmas. Contudo, considera-se mais provável que o «maire» de Tours, que é creditado com seis por cento dos votos nas últimas sondagens à opinião pública, decida permanecer na liça em vez de anunciar a sua desistência.

Rompendo o silêncio que tem conservado desde o início da corrida à presidência, Michel Jobert declarou que apoiava a candidatura do antigo primeiro-ministro porque oferece à França as melhores perspectivas de paz e progresso, especialmente no campo da política externa.

Indicou que Chaban-Delmas prosseguiria fielmente a política externa do falecido presidente Pompidou, que — afirmou — é apoiada por dois entre três franceses.

No limiar da segunda e última semana de propaganda eleitoral que termina oficialmente na próxima sexta-feira, nas vésperas do primeiro escrutínio de 5 de Maio, os três principais candidatos — Mitterrand, Giscard D'Estaing e Chaban-Delmas — intensificam as suas viagens eleitorais pelas províncias francesas.

A campanha adquiriu uma nota vituperante depois de um debate radiofónico tempestuoso e não raro hostil travado entre Mitterrand e Giscard D'Estaing.

O ministro das Finanças e o dirigente socialista defrontaram-se repetidamente sobre a economia e a maneira de deter a galopante inflação francesa.

A tensão entre os principais candidatos reflecte-se no número crescente de incidentes eleitorais.

Depois das escaramuças verificadas durante um comício de apoio a Giscard D'Estaing no início da semana, em que ficaram feridas várias pessoas, uma delas com gravidade, um adepto do candidato da extrema-esquerda, Alain Krivine, foi ferido a tiro por um partidário de Chaban-Delmas, no decurso de uma discussão a propósito de cartazes de propaganda.

Hoje, as hostes de Mitterrand, englobando todos os partidos da Esquerda, conseguiram uma ordem do tribunal para a confiscação de um falso jornal mostrando a França assolada pela morte, pela fome e pelas greves sob a presidência do «leader» socialista.

Os organizadores da campanha de Mitterrand acusam os adeptos de Chaban-Delmas de serem os autores da contrafacção, que é datada de 9 de Janeiro de 1975, e de que foram circulados mais de dois milhões de exemplares.

No entanto, enquanto a campanha entra na sua fase final, a batalha decisiva parece converter-se cada vez mais num duelo entre Mitterrand e Giscard D'Estaing.

Todas as últimas sondagens prevêem que o candidato único da Esquerda unida vencerá o primeiro escrutínio com mais de 40 por cento dos votos, seguindo-se-lhe o ministro das Finanças com 27 por cento, aproximadamente, e Chaban-Delmas com 23 por cento.

O dirigente socialista conseguiu atrair **100 mil** pessoas a um comício eleitoral social-comunista realizado em Paris — a mais gigantesca concentração política de que há memória nos tempos mais recentes.

Pela primeira vez na actual campanha, Mitterrand apareceu com o dirigente do Partido Comunista Francês, Georges Mrchais, que segundo o jornal financeiro «Agence Nouvelle» será ministro do Estado sem pasta caso o candidato único da Esquerda ganhe as eleições.

O jornal acrescenta que o cargo de primeiro-ministro seria atribuído ao socialista Gaston Defferre, «maire» de Marselha, e o de ministro de Negócios Estrangeiros ao antigo primeiro-ministro Pierre Mendès-France.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João A. Bernardo Petinga, Auto Oceano-PENICHE

«Também eu voto não» — legenda escrita no pedestal por adversários da revisão da lei que institui o divórcio na Itália.

MÉDIO ORIENTE

KISSINGER AFIRMA DUVIDAR DAS POSSIBILIDADES DE UM CESSAR-FOGO

WASHINGTON, 27 — (R.) — O secretário de Estado americano, Henry Kissinger, exprimiu dúvidas de que possa alcançar um acordo de separação de tropas sírias e israelitas no Golan, durante a sua próxima missão de paz ao Médio Oriente.

O Secretário de Estado, que parte no domingo para o que promete ser uma tentativa de duas semanas no sentido de obter a separação das forças em combbate, disse numa conferência de Imprensa que o contorno da sua visita está ainda claramente definido e, portanto, não pode predizer em que pé estarão as negociações quando terminar a sua viagem.

Salientou que a separação das forças israelitas e sírias constituem a chave de quaisquer novos progressos no sentido de paz no Médio Oriente e reiterou que a evolução na frente, mais estável, entre o Egipto e Israel requer que a Síria e Israel superem o ponto morto.

Defendendo o pedido do presidente Nixon ao Congresso para que sejam concedidos 250 milhões de dólares de resistência ao Egipto, Kissinger explicou que aquela quantia se destinava à reconstrução do Canal de Suez, projecto subscrito e apoiado por Israel, que considera que a reabertura do Canal, encerrado desde a guerra de 1967, seria indício de que o Egipto tenciona viver pacificamente.

O Secretário de Estado americano inicia a sua viagem ao Médio Oriente com uma paragem em Genebra amanhã para conversações com o ministro dos negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromiko, centradas principalmente sobre a limitação das armas nucleares estratégicas.

Kissinger defendeu vigorosamente as diligências dos Estados Unidos para a conclusão de um acordo de limitação de armas coma União Soviética, contra a acusação de que o presidente Nixon está ansioso por obter um tratado «apressado» para fins políticos puramente pessoais.

Kissinger defendeu o projecto de Nixon para visitar a União Soviética em Junho, muito embora corra o risco de ter de enfrentar um julgamento de impugnação no Congresso, nessa ocasião.

No que possivelmente foi a sua última aparição em público antes da sua quinta missão de paz ao Médio Oriente, Kissinger reiterou o compromisso tomado pelos Estados Unidos pela segurança de Israel, louvou o Egípcio por tentar sinceramente encontrar uma solução pacífica aos problemas do Médio Oriente e apelou para que todos os lados manifestem comedimento enquanto as negociações estiverem em curso.

Louvou igualmente a acção do chanceler da Alemanha Ocidental, Willy Brandt, que classificou de construtiva, e útil, revelando que os Estados Unidos estiveram em íntima consulta com o dirigente alemão tanto antes como durante as suas visitas a Argel e ao Cairo.

Kissinger acrescentou que visitará possivelmente um ou dois países petrolíferos durante a sua iminente viagem e que esperava deslocar-se à Jordânia.

ATMOSFERA DE GOLPE DE ESTADO PERMANENTE NA CAPITAL DA ETIÓPIA

ADIS ABEBA, 27 — (FP) — Mais uma vez o Exército etíope interveio na sexta-feira nas ruas de Adis Abeba para resolver os seus próprios assuntos. Vários antigos ministros, presos no seu domicílio, foram levados sob escolta para o quartel general da Quarta Divisão.

Esta operação espectacular, que mobilizou muitos veículos blindados e dezenas de patrulhas motorizadas na capital fez crer, durante algum tempo, que se tratava dum golpe de Estado. Mas não tardou que se concretizassem os objectivos dos militares: A prisão de toda a turma governamental, a que até agora se opunha o imperador Hailé Selassié.

Segundo a televisão etíope, que interrompeu os seus programas de informação para anunciar o sucesso, o soberano teria, finalmente, cedido, às injunções dos militares e aceitado que os seus antigos servidores, os mais fiéis, fossem metidos na cadeia.

Desta nova, a prova de força entre o imperador e o Exército parece sustada. Reina, contudo, grande efervescência na sede da quarta região, onde foram avistados vários antigos ministros de algemas nos pulsos. Parece, com efeito, que alguns elementos «vai ou racha» querem agora obter a destituição e a prisão de alguns 180 oficiais generais e superiores cuja lista foi apresentada ao imperador. Rumores persistentes referem que estão adiantados os preparativos para uma ocupação completa da capital pelas Forças Armadas.

Entre a Polícia a situação é de igual modo explosiva. O correspondente da AFP presenciou, de facto, a seus próprios homens.

Perante esta efervescência, que dura há três dias, o Governo de Makonnen permanece mudo. Em certos meios, afirma-se na sexta-feira que a Comissão Militar, que foi a ponta de lança da revolta desde o começo da crise etíope, acusaria o novo Governo de incapacidade para por termo aos movimentos de greve e às manifestações que abalam o país. Certas informações referiam-se na sexta-feira até à prisão de alguns membros da turma de Makonnen.

O certo é que a atmosfera na capital etíope é, desde há uma semana, a do «golpe de Estado permanente», os rumores nascem e crescem rapidamente, por vezes alimentados por uma Imprensa que já ninguém fiscaliza e pelas acusações que acabam de fazer na televisão militares, deputados e simples cidadãos contra aqueles que, ainda ontem, representavam o poder supremo da Etiópia tradicional.

Esta reacção não se limita a Adis Abeba. Na sexta-feira o Exército também se manifestou em Asmara, capital da Eritreia.

Edward Kennedy, turista em Leninegrado (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

ISABEL ALLENDE:

A um passo da reorganização os partidos políticos

ROMA, 27 — (FP) — A filha do presidente Allende, Isabel Allende, declarou em Roma que «apesar da violência da repressão», os partidos políticos chilenos estão a um passo da reorganização.

«O descontentamento da população em relação aos militares que se encontram no poder aumenta de dia para dia — revelou. Os actos de sabotagem são cada vez mais frequentes, as inscrições nas paredes e as manifestações que marcaram as exéquias do vice-presidente da República são prova do que digo».

A recente declaração do episcopado chileno denunciando o «clima de insegurança e medo» que reina no país constitui, segundo Isabel Allende, um facto importante pois reflecte os sentimentos de todos os chilenos. A Igreja do Chile — acentuou — está «cercada». Os seus padres são «presos e torturados» e a repressão «manieta-a cada vez mais».

Informou ainda a filha do ex-presidente chileno que, no seu país, há actualmente meio milhão de desempregados. A fome é agora uma trágica realidade e o país foi «transformado num imenso campo de concentração». A inflação é galopante.

Isabel Allende leu por fim uma declaração da esquerda chilena que qualifica de «farsa judicial» os processos políticos recentemente impostos.

DL/NACIONAL

MANHÃ NA PRAÇA

SIGA-SE O PEIXE

Não havendo talho no mercado do Bairro Alto, onde desta vez, tomámos estes habituais apontamentos, de carnes nada se dirá; antes do peixe, das verduras e da fruta, com algumas comparações de preços.

Nas bancas pobres desta pequena praça pousava o peixe espada a 84$00, o quilo, a chaputa a 18$00, taínha a 15$00 ou dourada a 25$00, enquanto voavam sem esperança os pregões das vendedeiras que — segundo confessaram — têm, por vezes, «de esperar dois e três dias para que o peixe se venda».

Fora da praça, encontrámos outras qualidades: cachucho a 35$00, chaputa a 13$00, pargo a 44$30, pescadinhas a 47$60 e carapau a 42$10. Segundo soubemos ali, não é grande a procura pois — apesar da chaputa indicar o contrário — conseguem-se preços mais baixos nos mercados.

— O peixe aqui é tabelado e não há alterações no preço, como na praça onde se faz mais barato antes que o peixe comece a... cheirar. O que não se vende devolve-se. Mas agora eles querem se os vendedores dos postos passem a pedir as quantidades que normalmente vendem, para não haver sobras e não terem que o vender mais barato, dizem-nos.

Voltemos ao mercado e comparemos os preços da fruta aí praticados com os dos postos da Junta Nacional de Frutas, para vermos como é difícil a concorrência: banana a 13$00 (na J.N.F. 7$50), laranja da Baía a 10$40 (na J.N.F. 6$00), laranja comum a 7$50 (5$00), maçã a 10$00 (7$50). Estas diferenças bastam para justificar a afluência que, de facto, registam alguns destes postos de venda ao público. No Bairro Alto encontravam-se ainda nêsperas a 9$00, peras a 7$50 e os morangos a 39$00. A cenoura estava a 7$50, o pepino a 20 escudos, a cebola a 13, o molho de nabiças a 7$50. Pouco mais havia.

Dia do charadismo

SETÚBAL — Por iniciativa do Núcleo dos Charadistas Setubalenses, é comemorado nesta cidade, no dia 12 de Maio, o Dia do Charadismo, cujo programa é o seguinte: às 10 horas, missa na Igreja de S. Julião; às 10 e 45, sessão de boas vindas no salão nobre da Câmara Municipal; às 11 e 45, passeio surpresa; e às 13 e 30, almoço de confraternização no salão de festas da F.N.A.T., com exibição do Rancho Infantil das Praias Sado e do conjunto típico «Os Galés».

Na véspera haverá várias manifestações, entre as quais um serão cultural, às 21 e 30, no salão da F.N.A.T., com a participação do Coral Luísa Todi, sob a direcção do maestro Jorge Manzoni e da «Teia» — Teatro Amador de Setúbal.

As inscrições podem ser feitas até 1 de Maio, para Laureano Rocha, Avenida Luísa Todi, 300, Setúbal.

Em Abrantes foi inaugurada a nova escola primária Piloto cujo projecto de construção se deve à arquitecta Maria do Carmo de Matos Fernandes.

Esta escola, que custou cerca de 5 mil contos, situa-se na zona sul da cidade e comporta várias salas de aula, sala polivalente destinada a recepções, cerimónias oficiais, de convívio ou troca de impressões de professores com os encarregados de educação adaptada ainda para cinema e teatro. A escola possui ainda cozinha, refeitório, e «Sel service».

Sedes: uma questão de etiqueta?

As eleições na Sedes estão definitivamente marcadas para o dia 17 de Maio. O adiamento (a primeira marcação foi feita para 26 de Abril) tem vista possibilitar uma ampla discussão dos programas das duas correntes presentes na liça.

Aquela instituição foi criada em um momento particular da vida política do país. Desde então os observadores atentos não têm tido dúvidas em ligá-la a certas correntes de opinião de índole liberal as quais, após uma primeira experiência de participação política através de presenças na Assembleia Nacional, não conseguiram encontrar uma plataforma de acordo com vista às eleições para deputados.

O que parece estar agora em causa é se a associação deve assumir ou não, de forma explícita, aquilo que tem defendido de maneira mais ou menos implícita. Se a árvore se concebe pelos frutos o comumento «Portugal, para onde vais?» é efectivamente um fruto de certa árvore à qual parece agora imperioso dar um nome para poder continuar a frutificar sem se confundir com os arbustos de ornamentação, fáceis de encontrar na palantação de que faz parte.

A opção parece clara: ou a associação continua a trilhar um caminho, dizendo, sem etiqueta, muita coisa onde se não vislumbra mais que uma ligeira margem de crítica aos actos da administração, ou parte para uma «clara definição política», de acordo com o programa apresentado por José Torres Campos, João Botequilha, Eduardo Gomes Cardoso, José Ferreira, A. Sousa Gomes e Emílio Vilar.

Tal programa deverá ultrapassar o estádio das declarações vagas e muitas vezes dúbias para definir o **cenário político que se defende para o país, princípios gerais, posição em relação aos principais problemas actuais protugueses: sistema político, desenvolvimento sócio-económico e Ultramar**. A novidade não estará nas posições que irão marcar a associação, se a corrente assinalada ganhar as eleições de 17 de Maio, mas no facto delas aparecerem finalmente como princípios orientadores da Sedes, proclamados à luz do dia.

CESÁRIO BORGA

Curso de prevenção de incêndios e segurança

O Centro de Prevenção e Segurança realiza nos dias 29 e 30 deste mês e 1 e 2 de Maio um curso de prevenção de incêndios e segurança nos edifícios, com sessões na sede do Centro das 14 às 18 horas.

Durante o curso serão desenvolvidos os seguintes temas: condição de segurança; condição física do edifício; condição morfológica da edificação; as disposições construtivas como factores de limitação da extensão do incêndio, a edificação como organismo integrado; determinantes da evolução do incêndio; caracterização da reacção ao fogo dos materiais; caracterização da resistência ao fogo dos elementos construtivos.

DL/NACIONAL

Comunicado da CDE à população

Declaração do Movimento CDE de Lisboa, de ontem, distribuída à população a partir das 6 da tarde: «desde as primeiras horas da madrugada, o País assiste ao mais grave acontecimento político verificado na longa vigência do regime fascista — o desencadear do Movimento Militar que pode prenunciar uma profunda modificação na situação política portuguesa.

Neste momento grave da vida do País, o Movimento da CDE de Lisboa, ciente das responsabilidades que lhe são criadas pela identificação da sua luta e com as mais profundas aspirações do povo português e pelo maciço apoio popular que conquistou, torna público que:

1.º — considera positivas todas as acções que conduzam ao derrube do regime que há 50 anos oprime o Povo Português.

2.º — sublinha que o derrube do regime nunca deixará de ser apenas um primeiro passo para a resolução dos problemas do País, numa perspectiva efectivamente popular.

O Movimento CDE de Lisboa, afirma-se ao lado de todos aqueles que se batam pela libertação do Povo Português. E reafirma que o futuro do País exige de imediato:

— Fim da guerra colonial com abertura de negociações com os Movimentos de Libertação, na base do reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e independência.

— Restabelecimento de todas as liberdades democráticas.

— Restabelecimento de todas as liberdades sindicais, incluindo o direito à greve.

— Libertação de todos os presos políticos.

— Abolição da censura.

— Extinção da PIDE/DGS e total remodelação das restantes forças policiais.

O Movimento CDE de Lisboa reafirma que, como sempre, lutará pelos objectivos que o Povo Português lhe aponta, pelos objectivos por que o Povo Português se bate.

VIVA A LIBERDADE.

AO POVO PORTUGUÊS

Horas depois o Movimento da CDE de Lisboa tornou público novo comunicado:

«SAUDAMOS O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS»

SAUDAMOS TODOS OS MILITARES que pela sua acção valente derrubaram a ditadura de Salazar e Marcello Caetano. Pela sua iniciativa contribuiram decididamente para por termo ao regime que há quase cinquenta anos oprimia o Povo Português.

O REGIME SALAZARISTA ESTÁ MORTO

Foi graças à luta heróica do Povo Português, que deu milhares de vidas à luta pela Liberdade que o actual movimento se tornou possível e pode alcançar esta vitória.

Ao Povo Português abrem-se largas perspectivas para o imediato exercício ou conquista:

— das liberdades democráticas (de expressão, de reunião, de manifestação, de associação, de constituição de partidos políticos);

— das liberdades sindicais e do direito à greve;

— da PAZ, pondo-se termo à guerra colonial;

— do direito à melhoria das condições de vida, contra a subida de preços;

— de um Governo democrático efectivamente representativo da vontade do País, resultante da realização nos próximos meses de eleições livres para uma Assembleia Nacional Constituinte.

Para alcançar tais objectivos é imperativo:

— a unidade na acção de todas as correntes democráticas e populares.

— o imediato e crescente exercício de todas essas liberdades.

— a unidade, organização e mobilização do Povo Português em torno de todos os objectivos populares e democráticos.

Saudamos o Povo Português neste momento histórico que abre a via para a conquista dos amplos direitos cívicos e sociais que terão a sua expressão máxima numa sociedade socialista.

A HORA É DE FESTA, DE ACÇÃO, DE LUTA E DE AMPLAS CONQUISTAS, PELO PROGRESSO DE PORTUGAL!

Manifestemos e exprimamos por todas as formas nas ruas a nossa alegria por esta primeira grande vitória. O caminho da liberdade é hoje o caminho da rua.

— Juntemo-nos nas fábricas, nas escolas, nos escritórios, nas repartições públicas, nos sindicatos, nas colectividades e nos bairros, por toda a parte:

para nos mantermos informados, para discutir e para encontrar as orientações para o movimento democrático e para a solução dos nossos problemas.

— Utilizemos com audácia e serenidade os locais que nos pertencem; exerçamos os nossos direitos.

— ORGANIZEMO-NOS!

— Pela liberdade!

— Pela imediata libertação dos presos políticos e regresso dos exilados.

— Pela PAZ!

— Pela dignidade e direitos dos trabalhadores!

— Pela unidade democrática!

VIVA PORTUGUAL LIVRE!

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado, pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/52259, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV, com 252 metros, do poste n.º 8 da linha para o posto de transformação n.º 1 de Carlos Duarte, L.da ao posto de transformação n.º 2 de Carlos Duarte, L.da.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Abril de 1974.

O. Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria e Perfumaria Splash», Rua Bernardo Francisco da Costa, 24-C ALMADA

Programa do movimento das Forças Armadas

Considerando que ao fim de 13 anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os Portugueses de todas as raças e credos, considerando que a definição daquela política não é possível sem o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do povo português;

Considerando ainda que a substituição do sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação; o Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora maioria do povo português e de que a sua acção se justifica plenamente em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus Soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que entende necessária para a resolução da grande crise nacional que Portugal atravessa:

(A) — Medidas imediatas:

(1) — Exercício do poder político por uma Junta de Salvação Nacional até à formação, a curto prazo, de um governo provisório civil.

A escolha do presidente e do vice-presidente será feita pela própria Junta.

(2) — A Junta de Salvação Nacional decretará:

a) A destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, a dissolução da Assembleia Nacional e do Concelho de Estado, medidas que serão acompanhadas do anúncio público da convocação, no prazo de 12 meses, de uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, segundo lei eleitoral, a elaborar pelo futuro governo provisório.

b) a destituição de todos os governadores civis no Continente, governadores dos distritos autónomos das ilhas adjacentes e governadores gerais nas Províncias Ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.

(1) Os Governos-Gerais das Províncias Ultramarinas serão imediatamente assumidos pelos respectivos Secretários-Gerais investidos nas funções de Encarregado do Governo, até à nomeação do novo Governador-Geral pelo Governo provisório.

(2) Os assuntos decorrentes dos Governos Civis serão despachados pelos respectivos substitutos legais, enquanto não forem nomeados novos governadores pelo Governo provisório.

c) a extinção imediata da DGS, Legião Portuguesa e organizações políticas de juventude. No Ultramar, a DGS será reestruturada e saneada, organizando-se como Polícia de Informação Militar, enquanto as operações militares o exigirem.

d) a entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpados de crimes contra a ordem política instaurada, enquanto durar o período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instrução de processo e julgamento.

e) medidas que permitam uma vigilância e um controle rigorosos de todas as operações económicas e financeiras com o estrangeiro.

f) a amnistia imediata de todos os presos políticos, salvo os culpados de delitos comuns, os quais serão entregues ao foro respectivo, e reintegração voluntária dos servidores do Estado destituídos por motivos políticos.

g) a abolição da Censura e Exame Prévio.

(1) reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o segredo dos aspectos militares e evitar perturbações na opinião pública, causadas por agressões ideológicas dos meios mais reaccionários, será criada uma Comissão «ad-hoc», para controle de imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema, de carácter transitório, directamente dependente da Junta de Salvação Nacional, a qual se manterá em funções até à publicação de novas leis de imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema pelo futuro Governo provisório.

h) medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e militarizadas (GNR, PSP, GF, etc.).

i) o controle de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas e militarizadas enquanto não for criado um serviço próprio.

j) medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corrupção e especulação.

(B) — MEDIDAS A CURTO PRAZO:

1) No prazo máximo de 3 semanas após a conquista do poder, a Junta de Salvação Nacional escolherá, de entre os seus membros o que exercerá as funções de Presidente da República Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos previstos na actual Constituição.

a) os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Estado-Maior da Armada, Chefe do Estado-Maior do Exército e Chefe do Estado-Maior da Força Aérea e farão parte do Conselho de Estado.

2) após assumir as suas funções, o Presidente da República nomeará o Governo provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e personalidades independentes que se identifiquem com o presente programa.

3) durante o período de excepção do Governo provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, manter-se-á a Junta de Salvação Nacional pela salvaguarda dos objectivos aqui proclamados.

a) o período de excepção terminará logo que, de acordo com a nova constituição política estejam eleitos o Presidente da República e a assembleia legislativa.

4) o Governo provisório governará por decretos-leis que obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclamação.

5) o Governo provisório, tendo em atenção que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional constituinte, obrigar-se-á a promover imediatamente:

a) a aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de caracter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos.

b) a liberdade de reunião e de associação.

Em aplicação deste princípio será permitida a formação de «associações políticas», possíveis embriões de futuros partidos políticos, e garantida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulará o seu exercício.

c) a liberdade de expressão e pensamento sob qualquer forma.

d) a promulgação de uma nova Lei de Imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema.

e) medidas e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e a dignificação do poder judicial.

(1) A extinção dos «tribunais especiais» e dignificação do processo penal em todas as suas fases.

(2) Os crimes cometidos contra o Estado no novo regime serão instruídos por juizes de direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos.
As averiguações serão cometidas à Polícia Judiciária.

6) o Governo provisório lançará os fundamentos de:

a) uma nova política económica, posta ao serviço do povo português em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista.

b) uma nova política social que, em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses.

7 — o Governo provisório orientar-se-á em matéria de política externa pelos princípios da independência e a igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais com base na amizade e dooperação.

a) o Governo provisório respeitará os compromissos internacionais de correntes dos tratados em vigor.

8 — a política ultramarina do Governo provisório, tendo em atenção que a sua definição competirá à Nação, orientar-se-á pelos seguintes princípios:

a) reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar.

b) criação de condições para um debate franco e aberto, a nível nacional, do problema ultramarino.

c) lançamento dos fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz.

c) CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 — logo que eleitos pela Nação a Assembleia Nacional constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forcas Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soperania nacional.

2 — o movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige-se a todos os portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida da vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica, qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações.

Os exilados políticos podem regressar

— afirmou o gen. Spínola na primeira Conferência de Imprensa

Sob a presidência do general António de Spínola, a Junta de Salvação Nacional deu hoje aos órgãos de Informação a sua primeira conferência de Imprensa no Regimento de Infantaria 1, na Pontinha, unidade em que desde o princípio esteve instalado o Quartel-General do Movimento das Forças Armadas.

O general Antonio de Spínola começou por agradecer à Imprensa a forma patriótica como acompanhou o Movimento e anunciou a abolição da Censura à Imprensa em Portugal. Passou depois a responder a perguntas dos jornalistas nacionais e estrangeiros. Sobre a liberdade dos partidos políticos em Portugal, o general respondeu que tudo leva a crer vementos políticos como, por exemplo, o partido socialista e a CDE.

A um jornalista que quis saber quem era o líder do Movimento, o presidente da Junta respondeu que ele próprio não sabia, sublinhando que se trata de um movimento colectivo das Forças Armadas.

Informou que as notícias relativas aos acontecimentos foram publicadas sem qualquer censura, o que continuará a acontecer. No entanto, acrescentou que, dentro de pouco tempo, os órgãos de Informação receberão indicações a este respeito.

Interrogado sobre se tenciona estabelecer contactos com os dirigentes da guerrilha que actuam nos territórios africanos sob administração portuguesa, o general apenas respondeu: «Neste momento, não».

Especialmente importante foi a afirmação feita pelo presidente da Junta de Salvação Nacional de que os portugueses refugiados no estrangeiro por motivos políticos poderão regressar ao País, abrangidos pelas medidas de amnistia também referentes aos presos políticos.

A culminar a conferência de Imprensa foi lido e entregue aos jornalistas o texto do programa da Junta de Salvação Nacional, que publicamos noutro local.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10767

HORIZONTAIS:

1 Estómago. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
2 Olé. Utensílios domésticos. Maior.
3 Bário (s. q.) Apelido. Abreviatura que se usa em música.
4 Preposição. Conjunção.
5 Incisão cirúrgica feita com instrumento cortante. Cidade do estado de Pernambuco.
6 Falda. Caminho.
7 Capricho. Labutou.
8 Pertencente a Etólia.
9 Apelido. Banquete entre amigos, custeado em comum. Prefixo de negação.
10 O sustento. Vão. Epoca.
11 Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Gavinhas.

VERTICAIS:

1 Indigente. Esturro na comida.
2 Renque. Tomba. Duna na Suécia.
3 Deus dos pastores. Mendigo. Artigo definido.
4 Divide.
5 Estacione. Gorgulho tropical.
6 Figura que simboliza o povo americano. Armadilha.
7 Inércia. Canto de dor, para chorar a morte da vegetação, na antiga poesia grega.
8 Emprego.
9 Antes do meio dia. Triturado. Artigo definido (ant.)
10 Rato. Primeiro nome do político vietnamiano filho do imperador Aname. Enguia.
11 Fisga. Caixões funerários.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6925

HORIZONTAIS:

1 Existir. Mau cheiro. Cabelos brancos.
2 Esquina. Face.
3 Basta. Irmão de Moisés. Milímetro.
4 Quadril. Antiga unidade monetária da Alemanha.
5 Contestásseis.
6 Alegres. Prendeis.
7 Aniversário. Rogai.
8 Utensílio doméstico. O mesmo que ion. Manuscrito.
9 Lembra.
10 Viela. Espécie de andorinha.
11 Sufixo que designa estado. Brisa. Aselhas.

VERTICAIS:

1 Demonio. Coelho pequeno.
2 Estava. Boneca (pop). Cidade da antiga Caldeia.
3 Nota musical. Cantor entre os gregos. Culpada.
4 Algirão (pl). Pronome pessoal.
5 Carregas. Levantar.
6 De altos preços. Aparente (fig.)
7 Apelido da mãe de Luis de Camões. Verbal.
8 Pequeno coro. Claridade.
9 Cálcio (s.q). Dar mios. Donzela de Orlêaes.
10 Armaria. Fecham as asas para descer mais depressa. Autores.
11 Caruma. Tremores de terra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10766

HORIZONTAIS:

1 Cafre. Morfa.
2 Amai. A. Caos.
3 Noz. Dam. Ura.
4 Sr. Tolas. Cr.
5 Aarau. Tirai.
6 Urrai.
7 Meda. Zara.
8 Medodia. Olá.
9 Ora. Aer. Ser.
10 Rosa. In.
11 Os. Nu. UNIÃO.

VERTICAIS:

1 Cansas. Moro.
2 Amora. Meros.
3 FAZ. Ruelas.
4 Ri. Tardo. An.
5 Dourada.
6 Aal. A. Ien.
7 Matizar.
8 Oc. Si. Rn.
9 Rau. Raros.
10 FORÇA. Aleia.
11 Asaria. Arno.

PROVÉRBIO: A união faz a força.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6924

HORIZONTAIS:

1 Calas. Cãs.
2 Siara. Ea. Ru.
3 Air. África.
4 Saltita.
5 Aí. Siene. Cá.
6 Ora. Amainas.
7 Avá. Res.
8 Poisarão. Am.
9 SS. Sari.
10 Rota. Ca. Eia!
11 Amarrotaram.

VERTICAIS:

1 Cs. Cão. Pará.
2 Aia. Irão. Om.
3 Lais. Avista.
4 Arras. Assar.
5 Sa. Lia.
6 Alem. Rico.
7 Refina. At.
8 Arteiros.
9 Ia. Ne. Aer.
10 Arc. Casaria.
11 Suaras. Miam.

CONSTRUÇÃO NAVAL

A PRÓXIMA ABERTURA DO CANAL DO SUEZ

RENÚNCIA À CONSTRUÇÃO DE NAVIOS GIGANTES?

Uma draga gigante procede ao alargamento do Canal

A retirada das tropas israelitas da zona do canal vai permitir dentro em breve o começo da desobstrução e reequipamento das instalações do Canal de Suez.

Perante tal facto, há duas perguntas que se fazem frequentemente; a primeira é a de quanto tempo levarão os egípcios para pôr o canal em funcionamento, e a segunda é a de qual será o limite máximo da tonelagem que se permitirá nessa passagem.

A primeira questão, a do tempo para início de passagem aos navios, já foi sugerido por certas entidades responsáveis, como sendo de seis meses. Pode parecer muito tempo e pode ser pouco. Contudo, só os próprios egípcios, conhecedores do estado das destruições sofridas, se encontram na melhor posição para se pronunciarem sobre a data prevista. Quando retomaram o controlo completo do canal, eles sabem como o encontraram.

Para percorrer os seus 176 km. os navios necessitam da via de água, primeiro plenamente desobstruída de todos os obstáculos, incluso obuses, minas, etc., que tombaram no seu leito e não deflagraram, depois, instalar a balizagem necessária, especialmente ao período da noite, pois que a sua travessia leva em média 17 horas. Lembremos que os navios não podem navegar no canal a toda a velocidade. A deslocação da água e o trabalhar das hélices a alta velocidade destruiriam as margens. Estas estão apenas seguras por barras metálicas entrerradas ao alto, que evitam a queda da areia das margens para o canal.

Mesmo assim, a baixa velocidade, a compressão das águas sofrida pela passagem dos navios, vai abalando a estrutura das margens, as quais de vez em quando se desmoronam em longos trechos, sendo necessário refazê-las. E de prever que as guerras de 1967 e de 1973, tenham destruído grandes zonas das margens, as quais terão que ser reconstruídas antes da passagem de qualquer navio.

Além destes factores, todo o movimento de navios se processava com o apoio de um vasto equipamento extra, como sejam a pilotagem, lanchas e equipamento próprio, pessoal e material para manobras de amarração e acostagem dos navios, quer em Port Said e Suez quer ao longo do canal, cujas margens estavam equipadas com longas fileiras de cabeços destinados à amarração dos cabos dos navios, comunicações de rádio — os navios quando estavam a navegar ao longo do canal, permaneciam em permanente contacto com a estação de rádio da Comianhia do Canal situada em Ismailia, a qual foi destruída, etc.

Também ao longo das margens havia cerca de doze estações de controlo da navegação, encontrando-se parte delas igualmente destruídas, e por último as dezenas de barcaças, lanchas, rebocadores, e que foram bastamente danificadas pelas duas guerras e pelo longo período de terra de ninguém repleto de escaramuças de maior ou menor importância ao longo dos seis anos de ocupação.

Por fim, as cidades de Port Said, Ismailia e Suez que eram as bases de todo o apoio a este equipamento, residência de quase todo o pessoal que o assistia, ao sofrerem a destruição parcial e perca de bastas vidas, devem ter colocado os serviços de manutenção do canal em dificuldade para rapidamente, em poucos meses, retomar o ritmo de trabalho do período de antes de 1967.

E pois de prever que uma total remoção dos destroços e objectos indesejáveis à segurança do canal, a reconstrução de margens ou largas zonas das mesmas, a balizagem da via marítima, a instalação de meios de comunicação, o reequipamento de material necessário ao seu funcionamento, etc., sejam muito dificilmente realizados em seis meses.

Admitindo mesmo que o assoreamento do leito tenha sido de pouca monta (calcula-se 2 pés), não será de prever que a reabertura se faça logo de início com a cota de imersão permitida à data do fecho, em Junho de 1967 (42 pés). Deve assim a via iniciar o seu funcionamento possivelmente com navios de pouco porte ou petroleiros em lastro com menor calado, sendo o seu aumento gradual à medida que as dragagens se forem processando, e estas são por natureza sempre morosas.

COMO SE PROCESSAVA A TRAVESSIA DO CANAL

Os navios que procuravam a sua passagem, se iam do Mar Mediterrâneo para o Mar Vermelho, entravam no porto de Port Said onde ficavam amarrados a bóias ou fundeados no porto interior, aguardando a hora determinada para, em formação de «comboio», isto é, uns atrás dos outros, se dirigirem para o sul.

Os navios que vinham do Mar Vermelho para o Mediterrâneo fundeavam na baía do Suez, numa área previamente determinada, onde aguardavam a passagem para o norte.

Ambos os comboios se cruzavam a meio do canal, no Grande Lago ou no canal de desvio, local onde o canal se divide em dois, ficando num dos ramos, atracado a uma das margens, o comboio que se dirigia ao sul (por ser o que geralmente tinha os petroleiros vazios e só em caso de emergência se atracavam os navios-tanques carregados), seguindo pelo outro ramal os navios que rumavam ao norte.

LIMITES PERMITIDOS AOS NAVIOS PARA A SUA PASSAGEM NO CANAL (1967)

Para cruzar o canal a companhia exigia dois limites. Um o calado máximo permitido - 42 pés. O outro a tonelagem de arqueação (volume de todos os espaços fechados internos do navio).

Por exemplo, um navio-tanque de 50 000 T de arqueação quando carregado passava o canal desde que o seu calado não ultrapassasse os 40 pés. Em contrapartida, um navio de 100 000 T. de arqueação não passava o canal mesmo que o seu calado fosse inferior a 40 pés.

Quando a guerra de 1967 encerrou o canal, os armadores e transportadores, em especial dos navios-tanques, ficaram sujeitos à obrigatoriedade de contornar a Africa para se dirigirem à zona do Golfo Pérsico.

Viagem da Europa Golfo Pérsico, via canal, 30 dias em média; viagem da Europa Golfo Pérsico, vai Cabo, 60 dias; viagem da América Norte via Canal, 35 dias; viagem da América Norte, via Cabo, 65 dias.

Este factor de alongamento das viagens veio processar o aceleramento das construções dos navios gigantes atingindo hoje a mior unidade a dimensão de 400 000 DW, havendo cerca de 200 navios superiores a 200 000 DW. E é sobre a tonelagem de arqueação que a Campanhia do Canal cobra as suas taxas.

GRANDEZA DOS NAVIOS

Se aguerra de 1967 e o consequente encerramento do canal acelerou o gigantismo dos navios, pareceria de prever que fosse a sua reabertura a causa da renúncia aos mesmos mas julgamos que tal previsão não será certa em razão de outros factos.

Primeiramente, imaginemos que o canal seja alargado e aprofundado de modo a deixar passar navios de elevada tonelagem. As taxas a pagar por um navio de tal porte serão elevadíssimas e é de prever que numa situação de elevada inflação mundial dos preços, o canal reabra com taxas de valor superior às de 1967, o que levará a maioria dos armadores de navios gigantes a continuarem a rota pelo Cabo.

Segundo, enquanto o problema do Médio Oriente não estiver bem definido e a paz garantida por longo tempo, os armadores não arriscarão os seus navios gigantes na passagem pelo canal, evitando que num brusco reacender do conflito eles fiquem «presos». Lembramos que há ainda cerca de 17 navios retidos no canal desde 1967!

Terceiro, a recente crise de energia provocada pelos países árabes com a elevação brusc do custo das ramas petrolíferas vai certamente froçar a pesquisa e exploração dos referidos produtos noutras zonas fora da área do Golfo Pérsico, permitindo assim que o fluxo marítimo do mesmo se liberte da sua dependência e da necessidade da travessia do canal.

Quarto, os elevados custos da construção naval, dos salários e dos combustíveis tornam os fretes apenas em preços de combatividade acessíveis aos navios gigantes. Se tal factor já era evidente antes da recente crise, presentemente está ainda mais agravado.

CONCLUSÃO

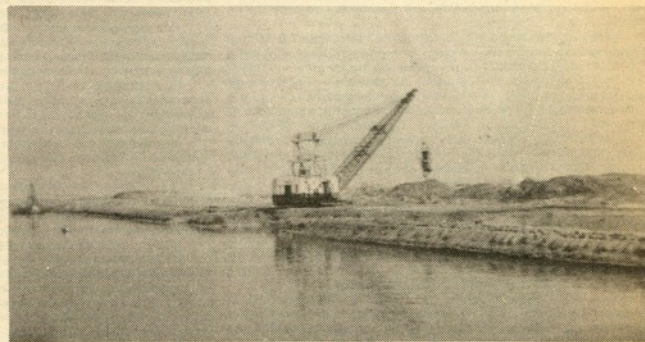
Não é pois de prever uma abertura rápida do canal (poucos meses) após tão longo período de encerramento e grandes destruições sofridas. O serviço de passagem deverá brevemente iniciar-se com pequenos navios aumentando gradualmente a permissão para a sua passagem.

O seu alargamento para navios gigantes não será factor breve de concretizar, pois a ampliação da sua largura e aprofundamento é trabalho de anos. Além disso, o elevado custo de taxas sobre os navios gigantes deverá continuar a manter muitos navions na rota do Cabo.

Durante seis anos em que o canal esteve encerrado, outras zonas de produção petrolíferas surgiram, desviando para elas grande corrente de navios, e é de prever que com o elevado custo da extracção de muitas outras zonas — plataformas sumarinas — Alasca — Artico e Antártico — Austrália — Cabo da Boa Esperança, etc.

Só será de admitir uma renúncia aos petroleiros gigantes se aparecerem outras energias cuja condição de preço e pesquisa energética compense rapidamente a de origem petrolífera. Contudo, lembremos que do petróleo bruto não só se extrai energias motoras como ele é a abase de uma indústria química onde se produzem cerca de 5000 produtos diferentes!

Não será pois fácil libertarmo-nos de tal fonte energética nos próximos anos, devendo o seu incremento e procura crescer até para lá do ano 2000.

JOAQUIM FERREIRA DA SILVA

CONSTRUÇÃO NAVAL

A INDÚSTRIA BRITÂNICA DE DRAGAS

Embora a Grã-Bretanha não seja o principal país do mundo na construção e operação de dragas, desenvolveu-se no entanto nos últimos anos uma indústria notável e muitos estaleiros especializados constroem barcos bastante modernos destinados ao Reino Unido, países da Comunidade Britânica e muitos outros países estrangeiros.

A frota britânica de dragas pertence sobretudo a um número reduzido de companhias dedicadas a dragagens, a algumas autoridades portuárias e firmas de engenharia civil. Essas dragas operam unicamente para extrair areia e saibro do fundo do mar, que se utiliza na construção em terra.

Uma das maiores firmas é a Westminster Dredging Company, filial do grupo holandês Bos Kalis Westminster Dredging, e possivelmente a maior firma de dragagens do mundo.

Uma das maiores das dragas que opera sob a bandeira britânica foi construída nos estaleiros britânicos e a maior parte da frota de dragas em funcionamento actualmente é do tipo de sucção, autopropulsada e de tremonhas de descarga automática.

Presentemente os estaleiros britânicos têm encomendada a construção de seis dragas. Duas delas são de sucção de areia/saibro e foram pedidas aos estaleiros Ailsa para a British Dredging Company; outras duas serão construídas por Appledore Shipbuilders para Arc Marine; uma também de sução, de 5336 toneladas de peso morto, para a Civil and Marine Ltd. e outra destinada a South Coast Shipping construída por Ferguson Brothers (Port Glasgow) Ltd.

Se se examinar a concepção das dragas depois da Segunda Guerra Mundial verifica-se que em meados dos anos 50 a draga de baldes foi substituída pela de cabeçote cortador por sucção, mas no decurso da última década o tipo mais proeminente que entrou em serviço foi a draga com tubo de sucção.

O aumento das dimensões dos grandes barcos petroleiros nos últimos anos levou à necessidade de grandes dragas que tenham um ciclo rápido de funcionamento e possam levar a máxima carga numa só viagem de descarga. Um exemplo de uma draga moderna de sucção construída recentemente na Grã-Bretanha para exportação é o «Pacifique», de 13.000 toneladas de peso morto, o maior barco deste tipo construído até à data no Reino Unido, pela firma Simons-Lobnitz para a D.O.S. Dredging Company Ltd.

O «Pacifique» foi uma das primeiras dragas de sucção a ser construída com duas tremonhas independentes que lhe proporcionam uma capacidade de 9.250 m3 de material dragado. As duas tremonhas gémeas permitem dispor melhor a carga ao longo do navio e compensar convenientemente os esforços e deflexões do casco.

Os camarotes da tripulação e a casa das máquinas encontram-se à popa e o motor da draga e sala de bombeamento no centro do barco, entre as tremonhas; para manter o barco à tona de água quando se descarrega os produtos dragados existem tanques de flutuação colocados nos dois lados das tremonhas. Estas são cheias por meio de canais de extremo aberto — um para cada tubo lateral — que descarregam para dentro de tinas perfuradas concebidas para reter as pedras maiores e ajudar a uma melhor distribuição da carga. Cada tremonha tem quatro níveis de transbordamento formados por comportas accionadas hidraulicamente e controladas da casa do leme. As portas do fundo, accionadas por arietes hidráulicos, encontram-se em ambos os lados das tremonhas para descarga do material dragado.

As duas bombas principais de dragagem de tipo centrífugo com um só orifício de entrada, cada uma delas accionada por um motor diesel de 2.000 cavalos, estão instaladas na casa de bombeamento no centro do barco juntamente com duas bombas de jacto de água accionadas por motores de 800 cavalos. As duas bombas principais podem encher as duas tremonhas aproximadamente em 70 minutos e as bombas de draga podem ser utilizadas para proporcionar um impulso transversal com um tubo de descarga que vai das bombas até ao fundo do barco, donde parte uma ramificação para cada um dos lados do barco. Para que o «Pacifique» atinja a sua velocidade de 13 nós, completamente carregado, instalaram-se dois motores diesel de 4.400 cavalos que impulsam, através de uma engrenagem redutora, hélice de passo constante.

Uma outra draga de construção britânica representativa da grande frota pertencente à South Coast Shipping Company é a Sand Skua, construída em 1971 por J. Bolson and Son, de Poole, no sul da Inglaterra. Construída especificamente para a dragagem de areia e saibro utilizados no fabrico de betão, a Sand Skua tem um braço de sucção colocado no costado a estibordo. O tubo de sucção que se ajusta automaticamente pode realizar dragagens até uma profundidade de 27 metros. Está suspenso de três gavietes e é accionado por três guinchos. A principal bomba de dragagem, accionada por um motor diesel, tem uma capacidade de 250 quilos de sólidos por segundo com um tamanho máximo de partículas de 13 centímetros. A principal propulsão do barco é dada por um único motor diesel de 1.170 cavalos. A principal propulsão do barco é dada por um único motor diesel de 1170 cavalos.

Há trinta anos a maior parte das dragas em funcionamento eram do tipo de dragas de baldes accionadas por motores a vapor de movimento alternativo, e um motor semelhante accionava a hélice principal quando o barco era autopropulsado. As dragas com os baldes colocados à popa eram barcos de duas hélices, com as caldeiras situadas à frente da tremonha.

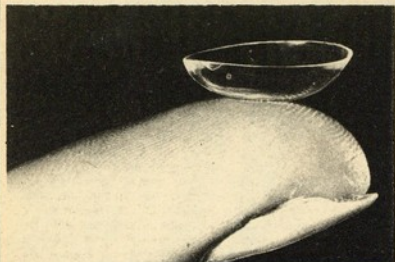
Embora nos Estados Unidos da América pareça existir agora certa preferência pelos barcos com propulsão turboeléctrica, na Grã-Bretanha e na Europa continental são mais vulgares os barcos com motores diesel de média ou alta velocidade com transmissão de engrenagens ou que tenham uma disposição diesel-eléctrica. A maquinaria diesel-eléctrica tem a vantagem de que a instalação geradora pode ser colocada na principal casa das máquinas e o resto da maquinaria, tal como bombas de dragagem e de jacto, accionada por motores eléctricos poder colocar-se na posição mais conveniente. Com os motores eléctricos principais de propulsão, é possível conseguir um bom «contrôle» da velocidade das hélices a partir de um lugar tal como a casa do leme. Este sistema adapta-se especialmente às dragas de baldes e ao tipo de dragas de mandíbulas nas quais se controla com facilidade certo número de grampos accionados por guinchos eléctricos.

Outra vantagem das dragas de sucção é poder colocar-se toda a maquinaria numa casa de máquinas e ter hélices principais, os grupos electrogeneos e as bombas de draga directamente acoplados a um ou dois motores diesel de média velocidade. Os motores primários funcionam a velocidade constante e accionam hélices de passo controlável mediante engrenagens redutoras, enquanto as bombas de dragagem e os geradores são accionados pelos motores principais através de embraiagens, conforme for necessário.

Nesta disposição, a maquinaria encontra-se em geral intensamente automatizada, sem necessidade de pessoal na casa das máquinas, já que o «contrôle» se efectua a partir da sala do leme. Uma vez que continua a aumentar o tamanho dos navios mercantes, é evidente que haverá uma procura de dragas maiores e de mais potência e os estaleiros britânicos que se encontram agora na vanguarda da construção de dragas continuarão a concentrar os seus esforços em barcos de concepção moderna de acordo com o tipo de navio que actualmente se exige.

Dar-se-á especial atenção à criação de dragas com maquinaria automatizada para reduzir os custos de exploração e sistemas de carga controlados por computador para maior eficiência da dragagem, abrindo assim um maior número de portos do mundo a esses gigantescos petroleiros e barcos de carga a granel.

C.T. WILBUR

Em contraste com os famosos arranha-céus, este aerodeslizador militar britânico faz uma demonstração em pleno porto de Nova Iorque. Uma tentativa de solução para o, desde há muito, intenso tráfego da cidade.

O «Great Britain», iate de 23 metros, parte de Portsmouth ao iniciar-se a Regata da Volta ao Mundo, patrocionada pela firma Whitbread. A partida foi dada por Sir Alec Rose, que realizou solitariamente uma viagem análoga no seu próprio iate «Lively Lady».

DL/GERAL

PROTECÇÃO DO CONSUMIDOR

INFORMAÇÃO VERDADEIRA

Finalmente, acaba de ser constituído o Centro de Informação do Consumidor, em resultado da campanha de consciencialização que a revista «Conteste», com condicionamentos e limitações de toda a ordem tem vindo a desenvolver, há cerca de um ano, no nosso País.

À sua acção, visando a informação verdadeira e objectiva e esclarecimento do consumidor português, foram postos obstáculos de toda a ordem, que só a tenacidade e sacrifício de alguns permitiram ultrapassar. Dentro do que foi «permitido», foi possível ir criando um grupo de portugueses conscientes da necessidade de uma associação boas-vontades e de interesses que fossem capazes de sustentar uma activa e poderosa força de defesa do consumidor português, — totalmente isenta de pressões ou dependências governamentais que, aliás, desde princípio consideraram com despeito o movimento de «Conteste» rotulando-o de subversivo e comunista. Foi assim que o movimento de «Conteste», perseguido até agora como uma ameaça pela livre informação dos portugueses que visava, teve de adoptar a fórmula de Sociedade anónima em que agrupou um escol de portugueses espalhados por todo o país, Ultramar e até Estrangeiro. Nos objectivos da sociedade de defesa do consumidor assim constituída, está a elaboração de análise, estudo e testes comparativos, controles de qualidade e preço dos produtos oferecidos ao consumidor, e a defesa e adopção de leis que visem a defesa do consumidor.

A união do Consumidor visando a participação de problemas comuns e, principalmente uma **informação verdadeira,** necessária à solução dos mesmos, é indispensável na criação de uma força que possa eficazmente opor-se aos monopólios da informação controlada ou enfeudada a interesses políticos ou comerciais. A agregação do consumidor é a única forma para a sua defesa. Por isso foi criado o Centro de Informação do Consumidor, sob a forma de sociedade anónima, aberta a todos os portugueses, sociedade, não de capitalistas, mas em que se integram as pequenas poupanças, — as adesões dos portugueses mais conscientes de uma necessidade de participação e cooperação na defesa de interesses comuns. O Centro de Informação do Consumidor que adoptou a designação comercial de Edire (divulgar, pôr a limpo, etc.), tem já a adesão de milhares de portugueses de todos os cantos do País, mesmo os mais modestos, que estão subscrevendo acções fundadoras, ao valor nominal de 150$. O interesse manifestado pela subscrição de acções, mesmo pelas pessoas de economia débil, mostra bem o desejo de participação num movimento de independência informativa e defesa dos direitos do cidadão por que sempre pugnou «Contente».

Até 31 de Maio próximo, o Centro de Informação do Consumidor (Edire, SARL) aceita a subscrição de acções fundadoras de todos os portugueses conhecedores de uma acção e actuação que agora se podem exercer livremente.

Procura-se uma sociedade participada por muitos, que obtenha a sua força, exactamente, de uma participação e cooperação que, por si mesma, transmita a força necessária à acção visada por «Conteste», impedindo as participações ou intromissões dos colossos financeiros.

No momento político que atravessamos em que a informação é considerada essencial, o Centro de Informação do Consumidor (Edire, SARL) é bem a expressão de uma vontade e necessidade colectivas de uma informação verdadeira que, apesar de todos os condicionalismos, já vinha praticando e que agora, mais que nunca, será apreciada e bem-vinda, pois com certeza mais completa.

As adesões ao Centro de Informação do Consumidor devem ser dirigidas para a sua sede social — R. do Centro Cultural, 5, r/c em Lisboa-5, onde são prestadas todas as informações.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

4 1 2 % 1905. 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

BOM APETITE

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE 4.ª FEIRA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 %	–	–	430$
Cons. 3 %	–	445$	–
Cons. 3 1/2 %	–	–	–
Centenários	1.320$	1.310$	1.330$
Tes. 5 % 57	1.010$	1.000$	–
Tes. 5 % 59	–	–	–
Extern. 1.ª-s.	–	–	–
Extern. 1.ª-c.	–	:	–
Extern. 3.ª-s.	–	–	–
Extern. 3.ª-c.	–	730$	–
Caut. 3.ª-s.	–	–	160$

FUNDOS PUBLICOS

	Efect.	Compra	Venda
A. Lx. 6 %	–	850$	–
C. M. L. 5 3/4 %	1.005$	1.005$	–
C. P. 5 1/2 % 67	820$	810$	–
C. P. 5 1/2 % 68	–	810$	–
C. P. 5 1/2 % 69	–	810$	–
Corr. 5 3/4 %	–	–	900$
Metr. 5 3/4 %	–	–	890$
Tur. 5 3/4 %	–	1.005$	–
C. P. 6 3/4 %	–	970$	980$

ELECTRICAS

	Efect.	Compra	Venda
G. 5 % 58	820$	–	820$
G. 5 % 59	–	810$	–
G. 5 % 62	–	–	–
G. 5 % 63	–	–	–
G. 5 % 64	–	–	–
G. 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	90$	–	920$
G. 7 %	1.010$	1.010$	–
H. E. A. A. 5 %	–	700$	–
H. E. C. 5 %	–	730$	–
H. E. C. 6 %	855$	855$	–
H. E. D. 5 %	710$	710$	–
H. E. D. 6 %	–	850$	855$
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 6 %	–	–	855$
H. E. Z. 5 % 57	–	–	800$
H. E. Zêz. 6 %	–	850$	855$
N. Elec. 5 %	–	–	690$
N. Elec. 6 %	–	–	850$
Termoel. 5 %	–	680$	–
U. E. P. 5 % 60	–	–	–
U. E. P. 5 % 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	850$
U. E. P. 7 %	–	950$	–

DIVERSAS

	Efect.	Compra	Venda
A. P. T. 5 % 56	–	–	780$
A. P. T. 5 % 58	835$	835$	840$
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	920$	–
Sacor 7 %	990$	990$	995$
Sacor 5 % 54	–	980$	–
Sacor 5 % 60	850$	850$	–
Sid. 5 % 2.ª	–	–	700$
Sid. 5 % 3.ª	–	–	710$
Sid. 5 % 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril 67	850$	850$	855$
R. Fabril 68	–	850$	855$

ULTRAMARINAS

	Efect.	Compra	Venda
Carbonif. 5 %	–	–	620$
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59-60	–	–	610$
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	790$	–	790$

ACÇÕES

De Bancos

	Efect.	Compra	Venda
Agricultura	–	–	5.050$
Algarve	3.580$	–	3.580$
Alentejo	2.400$	–	2.400$
Angola	5.650$	–	5.650$
Borges & Irmão	8.050$	8.050$	8.100$
Crédito Predial	4.940$	–	4.940$
Espirito Santo	9.700$	–	9.700$
Fomento	4.700$	–	4.700$
F. & Burnay	104.250$	104.250$	–
Intercontinental Português	–	–	9.500$
N. Ultramarino - m.	5.800$	7.750$	–
N. Ultramarino - c.	7.950$	–	7.950$
Pinto & Sotto Mayor	14.450$	14.450$	–
Portugal - n.	7.400$	–	7.500$
Portugal - p.	8.500$	8.400$	8.550$
P. Atlântico	15.850$	15.850$	16.000$
Totta & Açores	8.600$	8.600$	–
Pinto Magalhães	8.200$	–	8.200$
Fernandes de Magalhães	–	–	6.350$

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base Dez 65/100)

	17-4-74	22-4-74	24-4-74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOL	320,6	305,1	2974
ULTRAM	200,5	197,9	197,1

De Seguros

	Efect.	Compra	Venda
Alentejo	–	–	550$
Bonança	–	–	14.200$
Império	54.600$	54.600$	–
Mundial	3.760$	–	3.760$
Soberana	5.550$	–	5.550$
Tranquilidade	10.300$	–	10.300$

Eléctricas

	Efect.	Compra	Venda
C. P. E. - p.	1.220$	1.220$	–
C. P. E. - n.	–	1.200$	1.210$
E. Beiras	–	1.750$	1.770$
G. Electricidade - c.	352$	–	352$
H. E. A. A.	–	–	–
H. E. N. P.	–	280$	–
H. E. S. E.	1.650$	1.600$	1.650$
U. E. P.	200$	–	200$

Ultramarinas

	Efect.	Compra	Venda
Ag. Cassequel	865$	–	865$
Ag. Incomati	–	–	1.650$
Ag. S. T. e P.	–	270$	–
Aç. Angola	1.330$	–	1.330$
Alg. Angola	–	–	270$
Ang. Agricultura	–	–	715$
Boror	410$	–	410$
Boror Com.	–	–	120$
Buzi	–	–	118$
Cabinda	190$	–	190$
Com. Lobito	410$	410$	–
D. A. T. 100	–	–	–
H. E. Revuè	–	550$	–
I. do Principe	–	660$	–
Moçambique	540$	535$	550$
Sonefe - n.	–	450$	–
Sonefe - p.	–	450$	–
Zambézia	91$	91$	–

Diversas

	Efect.	Compra	Venda
Ag. Lx. - ant.	960$	950$	–
Ag. Lx. 34	–	–	940$
Ag. Lx. 36	–	–	800$
Cel. Guadiana	–	–	5.900$
C. Leiria - p.	–	–	20.450$
C. Tejo - p.	73.350$	–	73.350$
F. Ramada	1.870$	–	1.870$
Fornos Eléctricos	–	–	–
P. Celulose	8.550$	–	8.550$
Siderurgia - p.	14.050$	–	14.050$
Siderurgia - n.	–	–	9.500$
Socel	7.050$	7.050$	–
Cidla	3.760$	–	3.760$
C. U. F.	4.120$	4.120$	–
Intar	660$	660$	665$
Nitratos	1.350$	1.350$	1.360$
Petroquimica	–	–	1.620$
Sacor	5.550$	–	5.550$
Tab. Portugal	1.720$	1.700$	1.740$
Tabaqueira	12.700$	12.700$	–
U. F. Azoto	–	–	855$
Empor	–	–	–
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colónias	1.810$	–	1.810$
Nacional Navegação	–	–	2.420$
Navegação (Col.)	–	–	–
P. Pesca	815$	815-	–
Matur	–	–	2.600$
R. Marconi	1.940$	–	1.940$
T. A. P.	–	–	1.630$
Compal	855$	–	855$
Salvor	2.300$	–	2.300$
Penina	–	–	3.800$
Grão-Pará	–	–	3.040$
Lisnave	11.550$	11.550$	–
Vidago, M. & P. Salgadas	2.460$	–	2.460$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

	Efect.	Compra	Venda
Atlântico	–	450$00	463$50
F. I. D. E. S.	–	322$10	330$80

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul, Rands	31$00	34$00
Alemanha, Marco	9$75	10$05
América		
Dollars de 1 e 2	23$80	24$80
Dollars de 5 a 20	24$30	25$30
Dollars de 50 a 1000	24$50	25$50
Austria, Schilling	1$34	1$40
Bélgica, Franco	$62	$65
Brasil, Cruzeiro	3$20	4$00
Canadá		
Dollars de 1 e 2	24$60	25$60
Dollars de 5 a 1000	25$30	26$30
Dinamarca, Coroa	4$00	4$30
Espanha, Peseta	$43	$46
França, Franco	5$00	5$40
Holanda, Florim	9$20	9$50
Inglaterra, Libra	60$00	63$00
Itália, Lira	$03,5	$04
Japão, Yene	$07,5	$10
Marrocos, Dirham	$	$
Noruega, Coroa	4$40	4$70
Suécia, Coroa	5$50	5$85
Suiça, Franco	8$15	8$50
Ouro		
Inglaterra, Libra Isabel	1.350$00	1.500$00
Inglaterra, 1/2 libra	850$00	1.000$00
Ouro fino, grama	140$00	155$00

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados «Feiticeiro do Oz».
13.00 O caso da semana.
13.15 Os Garotos da 47 A
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Hoje pode ver.
14.10 Do la si.
14.35 TV Educativa — Ginastica infantil.
15.00 Sabe quem foi Amalia Luazes?
16.10 Desenhos animados.
16.35 Esdúdio sem marcação
17.15 Os Waltons.
18.05 Motivos de poesia.
18.15 Teledesporto.
18.40 Skippy.
19.05 A Cozinha ao alcance de todos.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 E a vida continua.
20.00 Ensaio.
21.00 Se bem me lembro.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Julie Andrews Show.
22.50 Pesquisa.
23.50 Telejornal — 4.ª edição.
23.55 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro do Oz».
20.45 O Caso da semana.
21.00 Os Garotos do 47 A.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Medicos de hoje.
22.50 Museu do cinema.
23.45 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Periodo

12.00 Abertura e Eurovisão-Automobilismo.
12.30 Missa de Domingo.
13.10 O Dia do Senhor.
13.55 Hoje pode ver.
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Eurovisão — Automobilismo.
15.10 TV Rural.
13.35 Tarde de cinema «Ali Baba e os 40 ladrões».
17.00 TV Infantil.
17.50 O Mundo à nossa volta.
18.50 Domingo Desportivo — 1.ª edição
19.00 Frente a frente.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Polly em Espanha.
20.00 TV 7.
21.00 Cecília, medica de aldeia.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 25 Milhões de Portugueses.
23.30 Domingo Desportivo — 2.ª edição
00.00 Telejornal — 4.ª edição.
00.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «As Solteironas».
21.00 Do la si.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Noite apos noite».
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e chovia em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	11º
FARO	13º
FUNCHAL	13º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA Máxima 20º
PENHAS DA SAÚDE Mínima 3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 14,5º
Atmosfera 12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m
Dia 28			
8.32	3,4 m	1.48	1,1 m
20.56	3,5 m	14.09	1,4 m
Dia 29			
9.44	3,3 m	3.02	1,3 m
22.10	3,5 m	15.27	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu muito nublado; vento fraco; aguaceiros; neblina em alguns locais; temperatura sem alteração apreciável

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.44
OCASO ÀS 20.25

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 21

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiario, Radio Educativa, Auditorio Juvenil
16.30 «Convivio»
18.05 Meia hora de recreio
18.35 Musica, so musica
19.05 Musica portuguesa
20.00 Jornal da noite, o trompetista Molena
20.30 Conjuntos
21.00 Momento 74
21.30 Aperitivo musical
21.45 1.ª parte de um espectaculo de variedades realizado na cadeia de Linho
22.30 Convivio
23.05 De um dia para o outro por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa), sinal horario

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

15.15 1.º acto da opera «Benvenuto Cellini» de Berlioz
17.05 Concerto n.º 2 em si bemol maior op. 83 (Brahms)
18.00 Concerto n.º 1 em si menor (Bloch)
19.00 O maestro Peter Maag dirige a orquestra sinfonica de Londres em obras de Mozart
20.00 Jornal da noite
20.30 A arte de Carlo Bergonzi
20.45 Concerto em mi bemol maior (Pakhmutova)
21.00 Sonata op.8 para Violoncelo (Kodaly)
21.30 Panoramas da historia, pelo dr. João Ameal
21.45 Musica sinfonica
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico, MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Musica sinfonica
23.22 Duas suites para Violoncelo
00.12 Musica de câmara, quarteto em sol maior (Schubert), quarteto Amadeus
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda media

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
21.03 Radio Placard
21.15 Hora Luterana
21.30 Quando o telefone toca
23.05 Sabado à noite
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

Modelação de frequência

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em orbita, 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
23.00 Noticiario, clube à gô-gô (continuação)
00.02 Em orbita, 2
01.02 Banda sonora sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario
16.05 Radiorama
18.05 Programa Carruagem
18.22 Palavra do dia. No final, Terço e benção da Basílica dos Martires
19.00 Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Radio Renascença
19.30 Pagina 1
21.04 Meditando
21.08 Programa Grande Premio
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Radio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofonico de Portugal

Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

Radio Graça

Das 12.00 às 14.30

Radio Peninsular

Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1 (ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235 A (à Alameda) (Telef. 728277)

ALVALADE
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101 D (Telf. 722384); **Rio de Janeiro**, Av. Rio de Janeiro, 4 C (Telef. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge I (as Galinheiras) (Telef. 790969)

ARROIOS
Castro, Av. Almirante Reis, 76 A (Telef. 821973)

AVENIDA LIBERDADE
Liberal, Av. Liberdade 219 (Telef. 43641)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (Telef. 744995

BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praço do Norte, 1.º A (Telef. 311216)

BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Farqueiros, 126 (Telef. 873875)

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34 A (Telef. 704828)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54 A (Tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358 A (Telef. 686176); **Tagua**, Praceta da Rua Possidónio Silva, 162 A (Telef. 669485)

LAPA
Mata Capitão, Rua São Félix, 45 A/B (Telef. 660720)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha d. Amélia, 34 B (Quinta das Mouras) (Telef. 794174)

PENHA FRANÇA
Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (Telef. 842725)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10 A (à encosta) Tel. 612248

S. BENTO
Félix, Rua Cruz dos Poiais 52 (Telef. 678531)

S. MIGUEL
São Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef. 771469)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15 A (Telef. 78439)

OLIVAIS
Antunes Rosa, Praça Cidade do Luso lote 199 Sul (Telef. 313610)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16 A (Telef. 728395-702703)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3 C-D (Telef. 681947)

REGO
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162 (Telef. 761035)

SOCORRO
Silmar, Rua S. Lazaro, 128 (Telef. 42829)

XABREGAS
Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32 (Telef. 381279)

TURNO C-2 (TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49 A/B (Telef. 636620)

ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31 C (Telef. 717505)

AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7 B (Telef. 731478)

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (Telef. 43340)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 41845)

BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63 A (Telef. 611454)

CAMÕES
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Telef. 322798)

CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 662838); **Pinheiro**, Rua Campo Ourique, 131-133 (Telef. 686640)

CARNIDE
Ribeiro, Estr. da Luz, 199 A (Telef. 780969)

JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (Telef. 662327)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Bras, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE
Grincho, Av. da Republica, 87 (Tel. 2471204)

MURTAL
Primavera

MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Tel. 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova**, Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932495); **Confiança**, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
Zeller, R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Químia, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 259 (Tel. 2073443)

COVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericordia (Tel. 22488)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Ld.ª**, Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Porto**, Rua Padre Cruz, 146.

SUB TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª**, Largo de S. Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraiso, 214; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO I

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal**, Pr.ª 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); **Adriana**, Pr.ª DA República, 20-22 (Tel. 23609)

cinemas ● cinemas ● cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pesadelo dos pesadelos A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Pamela Franklin, Roddy McDowal e Gaile Hunnicutt
(Metro: Anjos

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM
00.30
Grupo D (18 anos)
Ciclo «Sorriso Na Madrugada»
Uma historia de medicos, de doentes e de ... vitimas ao vivo UMA CARREIRA SENSACIONAL com Alberto Sordi, Evelyn Stewart e Rice Valori

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18anos)
Color de luxe. Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines

CASINO ESTORIL (Tel. 264621)
18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Technicolor, Panavision
O PISTOLEIRO DO DIABO com Cleant Eastwood e Verna Bloom

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFIT (NOVA GERAÇÃO) de George Lucas
24.00
Grupo D (18 anos)
«Meia-Noite Fantastica»
O CAÇADOR DE BRUXAS
Amanhã
11.00
Grupo A (6 anos)
«Manhã Infantil»
ASTÉRIX, O GAULÊS desenhos animados segundo Uderzo

LONDRES (T. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Obra admiravel, diamante intacto ... HIROSHIMA, MEU AMOR o filme de Alan Resnais com Emmanuelle Riva, Eiji Okada e Bernard Fresson
00.15
Grupo D (18 anos)
A VIDA E UM JOGO

ROMA (T. 729192/727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Rod Steiger, Rossana Schiafiino, Rod Taylor, Claude Brasseur e Terry Thomas OS HEROIS

ALVALADE (Tel. 717480)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines
00.15
Grupo D (18 anos)
«A Meia-Noite Do Alvalade»
UM MARIDO INVIEL
(Metro: Alvalade)

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
Dani-Michel Calabru e Jean Leferure VÊM A OS CABELUDOS
Hoje e Amanhã
18.30
Grupo A (6 anos)
A SEDUÇÃO DA SELVA realização de John Trent com Margaret Brooks e Louis Gosseti

RESTELO (T. 610275)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Technicolor
FIM-DE-SEMANA ILEG TIMO com Marcello Mastroianni, Oliver Reed e Carol Andre
00.15
Grupo D (18 anos)
O MEDICO E O MONSTRO com Spencer Tracy e Ingrid Bergman

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Malcolm McDowell UM HOMEM DE SORTE um filme de Lindsay Anderson
(Metro. alameda)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
Um espectaculo maravilhoso HORIZONTE PERDIDO com Peter Finch e Liv Ullmann

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
Jean-Louis Trintignant e Romy Schneider O ULTIMO COMBOIO
00.30
Grupo D (18 anos)
«Meia-Noite Em Acção»
SCOTLAND YARD CONTRA MABUSE
Hoje e Amanhã
18.30
Grupo A (6 anos)
PIPPI DAS MEIAS ALTAS

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PRO BIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
20.ª semana! Technicolor
TOdd-AO 35 mm
O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR
00.30
Grupo D (18 anos)
«O Cow-Boy À Meia-Noite»
UMA PISTOLA PARA RINGO com Montgomery Wood
Amahhã
11.00
Grupo A (6 anos)
«Manhã Infantil»
A BA A DO HOMEM SOLITARIO com Bill Travers e Virginia McKenna

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
28.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Hoje
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo A (6 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
EUSEBIO A PANTERA NEGRA
00.30
Grupo D (18 anos)
Ciclo «Terror À Meia-Noite»
Colorido
TERROR NA CA A SUBMARINA

PATHÉ (Tel. 821933)
21.45 Estreia
(Grupo D-18 anos)
Color de Luxe. Arranjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro À ESPREITA DO SARILHO com Robert Hooks e Paul Winfield
(Metro: Arroios)

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Panavision Technicolor
Clint Eastwood HARRY O DETECTIVE EM ACÇÃO
00.30
Grupo C (14 anos)
Ante-Estreia. Colorido
Bilhetes à venda
Burt Lancaster e Robert Ryan AC ÃO EXECUTIVO

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 0015
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
(Metro: Alameda)

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
10.ª Semana! Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELÊNCIAS

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
Com o novo idolo da China Chen Kuan-Tai. O mais alicinante festival de Karate

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30, 21.45 e 00.15
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Color
A obra-prima de Nagisa Oshima CERIMONIA SOLENE

VOX (T. 720808)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluOndo o do melhor filme e do melhor realizador!

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o celebre filme de Ken Russell

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A morte de um caixeiro viajante»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuva»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

LAURA ALVES
22.00 (18 anos)
«Zoo Story»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Fabricante de loiras explosivas»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Fim-de-Semana Ilegítimo»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Ferro Em Brasa»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Odisseia Submarina»

SACAVÉM
21.00 (14 anos)
«Cobras Venenosas

ALHANDRA
Salvador Marques
21.45 (10 anos)
«As 14 Amazonas»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Fogo Cruzado»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A Noite Americana»

PAREDE
Royal
21.15 (14 anos)
«Os 2 Indomaveis»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«O Pistoleiro do Diabo»

ESTORIL
Esplanda
21.30 (14 anos)
«Ele Aí Esta»

CASCAIS
S. Jose
21.30 (10 anos)
«E Agora Chamam-lhe o magnífico»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Melody»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Os Olhos da Noite»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (14 anos)
«Um Dia na Vida de Yvan Denisovich»

SINTRA
Carlos Manuel
(14 anos)
«O Jogo da Fortuna e do Azar»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Big Boss o Implacavel»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«A 25.ª Hora»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegolhas»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vosselência»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
Jerry Enfermeiro Sem Diploma»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga Invencivel»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Magnifico Robin Hood» e «Matar ou Não Matar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Autopsia de um Crime»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Projecção Privada»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Matar, Fugir ou Morrer»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vicente Besugo (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Pinturas de Fernando Fernandes e Alberto Carneiro. (das 14 às 20 h.).

BÜCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASA DA IMPRENSA — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

CASINO ESTORIL — Obras de Margarida Vigoço (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h)

OTTOLINI — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Turgut Zaim, Corália Forster e Acácio Miranda.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. FRANCISCO — Exposição de Gravura Internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Encerra aos domingos.

S. MAMEDE — Oleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES · restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — **Dancing** com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL/NACIONAL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

170 PIDES NAS CELAS DE CAXIAS

Continuação da pág. 1

Informação seguiam nas últimas camionetas.

Entretanto, em Caxias um oficial dizia à esposa do nosso camarada de redacção Fernando Correia, que aguardava juntamente com as centenas de pessoas presentes a libertação dos presos políticos:

— **Só tenho receio quando a PIDE entrar.**

Esta exclamação que provocou espanto foi ralidamente esclarecida de que os «pides» viriam sim mas como prisioneiros.

As instalações da António Maria Cardoso, que continuam a ser guardadas pelas Forças Armadas não foram franqueadas aos representantes da Informação. No entanto, sabe-se que numerosos «pides» (entre 150 a 200) conseguiram fugir através de uma passagem subterrânea que liga a sede com um prédio fronteiriço.

Sabe-se ainda que o famoso inspector Tinoco, sobejamente conhecido pelas sevícias que praticava aos presos, conseguiu fugir disfarçado de doente. Desconhece-se, igualmente, qual a situação do antigo subdirector da PIDE Sachetti. Por outro lado, o pessoal superior daquela polícia não foi transportado para Caxias, tendo seguido anteriormente para outro local. Foram descobertas grandes quantidades de armamento.

No Largo da Misericórdia, o povo largou fogo a um automóvel da PIDE, ontem à tarde. Três agentes transportavam-se nele quando, cerca do meio-dia, foram identificados por populares, arrastados para junto do pelourinho do largo e desarmados pelo Exército. O povo queria linchá-los, tendo sido contido só a muito custo pelo capitão e pelos poucos soldados que os guardavam

MÁRIO SOARES AMANHÃ EM LISBOA

PARIS, 27 — (R.) — Mário Soares, o dirigente socialista português exilado em França, partirá hoje de Paris, por via férrea, a caminho de Lisboa — anunciou ontem, à noite, um assistente de Mário Soares.

O chefe socialista deve chegar à capital portuguesa na manhã de domingo.

Citando uma declaração publicada por dirigentes do Partido Socialista português em Paris, o assistente disse que o Partido decidiu, «após deliberação do seu conselho governativo, chamar a Portugal o secretário-geral Mário Soares».

A declaração acrescentava que Mário Soares seria acompanhado por «outros membros do secretariado político residentes no estrangeiro».

MILITARES MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: Na Província da Guiné o soldado R. P. n.º 820609/64, Luís Costa, natural de Recize, Cacheu, filho de Uncumaior e de Umpon; soldado R. P. 820574/73, Ambrósio Capambu Injai, natural de Felunco, Cacheu, filho de Vicente Cantante Injai e de Graocampijai; o soldado R. P. 820442/72, Tuitanho Caiesta Mendes, natural de Teixeira Pinto, Cacheu, filho de Lourenço Cantam e de Tui; o soldado R. P. 820534/71, Carlos Gomes, natural de Nossa Senhora da Natividade, Cacheu, filho de Vicente Dinfa e de Carlota Correia; e o furriel miliciano R. P. 820646/64, Albino Gomes da Costa, natural de Cacheu, filho de Melo Gomes da Costa e de Domicares; no Estado de Moçambique o soldado R. E. 720718/64, João Gonçalves, natural de Nossa Senhora da Rosário, Beira, filho de Cabire António e de Cozinha.

Agressão no "Jornal do Comércio"

No Hospital de S. José encontra-se internado, por ter sido atingido à pedrada no pátio do «Jornal do Comércio», o porteiro daquele periódico António Gama Lière, de 55 anos.

A PIDE TEMIA AS MÃOS DO POVO

Segundo o major Campos de Andrade, que comandou o cerco à sede da PIDE/DGS, a demora na transferência dos agentes daquela sinistra corporação deveu-se ao facto dos oficiais do Movimento temerem que o povo se atirasse sobre as viaturas e exercesse vingança sobre quem tanta e tanta gente maltratou.

Efectivamente, a multidão era impressionante. Toda a Praça de Camões, toda a Rua da Misericórdia, todo o Largo do Chiado, parte da Rua Duques de Bragança, exibiam uma determinação firme: romper com os cordões formados pelos soldados para um assalto exuberante à Rua António Maria Cardoso.

«Não queremos isso — afirmou-nos aquele major. — «Queremos que os homens saiam daqui sem que sofram qualquer espécie de violência. E também não queremos, **de maneira nenhuma**, utilizar a força contra o povo.»

Durante horas e horas, e embora por vezes chovesse, a multidão não arredou pé dos locais que ocupava. Toda a gente queria assistir à queda do último reduto fascista.

«Um grande depósito de armas — disse-nos ainda o major Campos Andrade — foi encontrado e apreendido.» Adiantou ainda aquele oficial que os agentes e inspectores da DGS não ofereceram grande resistência. «Não estavam organizados para resistir» — acentuou.

Outros oficiais disseram-nos que aqueles homens, que iam de 200 a 300, só temiam verdadeiramente uma coisa: «as mãos do povo».

Mais ex-ministros para a Madeira?

FUNCHAL, 27 — (ANI) — Ao contrário do que chegou a ser anunciado, o almirante Américo Tomás e o prof. Marcelo Caetano não se encontram instalados num hotel do Funchal mas sim no próprio Palácio de São Lourenço, sede do Governo do distrito, enquanto procuram arranjar casa na ilha da Madeira.

Ontem à tarde, os antigos ministros Silva Cunha e César Moreira Baptista passearam pelas ruas da cidade, enquanto o chefe do Estado cesskte e o presidente resignatário do Conselho de Ministros permaneceram no Palácio do Governo.

A calma é total na ilha da Madeira, para onde se prevê que venham residir mais alguns elementos do Governo de Marcelo Caetano.